

Orçamento Democrático tem início nesta segunda

Em função da pandemia, audiências irão acontecer de maneira virtual com presença do governador João Azevêdo. [Página 3](#)

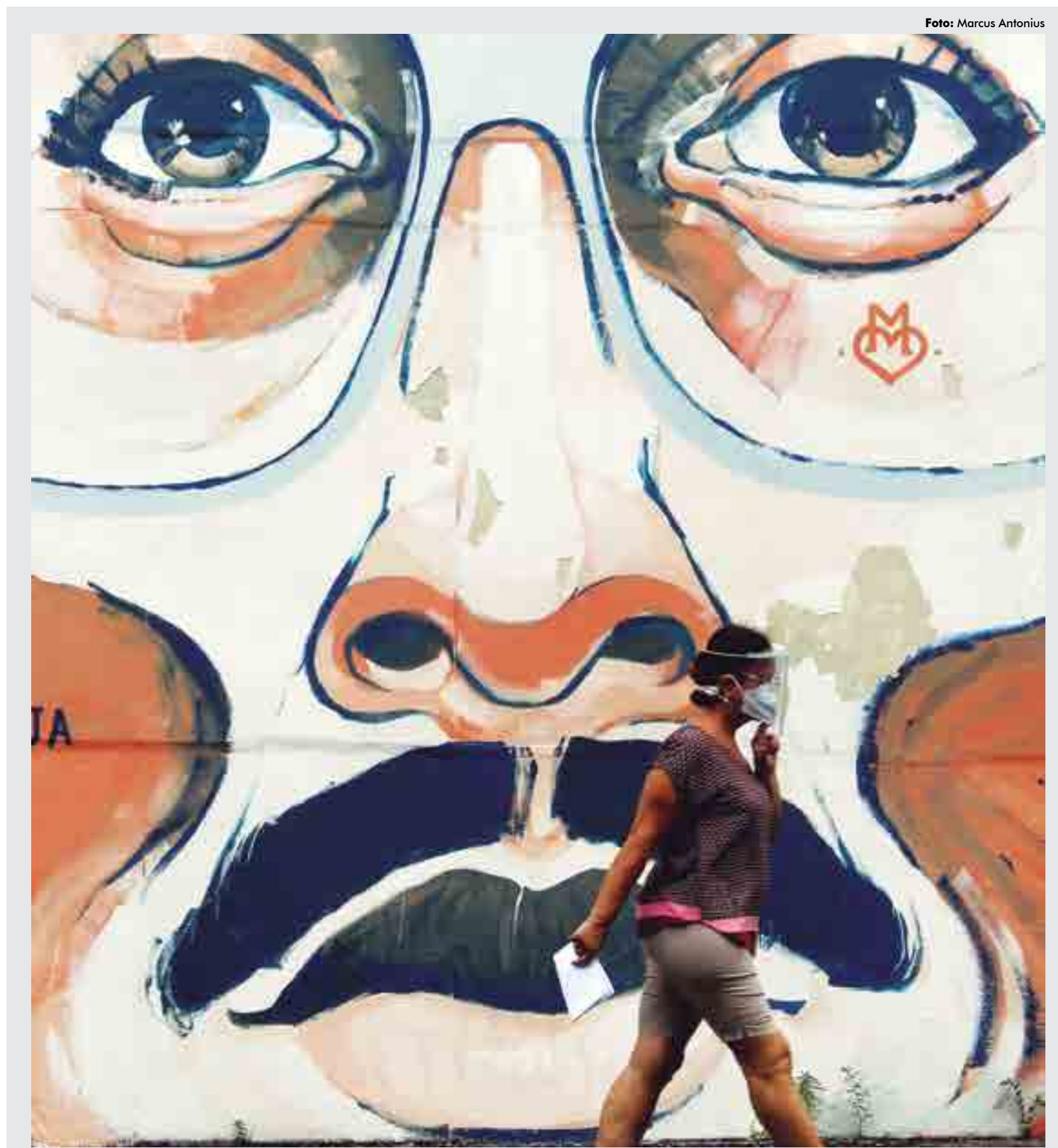


Foto: Marcus Antonius

JP chega aos 435 anos reaprendendo a socializar

Quatro meses de distanciamento, máscaras e novos hábitos transformaram as práticas sociais na Capital paraibana, que viverá um 5 de agosto sem festas. [Página 5](#)

Foto: Roberto Guedes



Taperoá Município se tornou referência nacional em caprinocultura a partir dos resultados obtidos na Fazenda Carnaúba. [Página 8](#)

Cultura



Fashion Para o estilista Ronaldo Fraga, as máscaras não vão sair de moda tão cedo, e elogia as feitas com renascença na Paraíba. [Página 9](#)

Fotos: Secom-PB

Paraíba

João Pessoa lidera ranking de casos extraconjugais

Em busca de prazer, casais traem mais durante a pandemia, afirmam especialistas. [Página 6](#)

Diversidade

Pesquisadores criam máscara capaz de matar o coronavírus

Projeto desenvolvido na UFCG é um dos selecionados em edital de apoio lançado pela Fapesq. [Página 16](#)

Entrevista



Foto: Edson Matos/arquivo

Reitora Margareth Diniz fala da sucessão na UFPB e faz um balanço da sua gestão frente à pandemia. [Página 4](#)

Almanaque



Maestro Pedro Santos teve morte precoce em 1986

Autor de trilhas para cinema e teatro, amazonense que se mudou para a Paraíba ainda jovem tem vida e obra lembradas por familiares e músicos. [Página 17](#)

Ilustração: Tônio



Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465 De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Lei Aldir Blanc na PB

Uma das maiores conquistas da classe artística nesse período de pandemia foi a criação da Lei Aldir Blanc. A Lei nº 14.017/20, também conhecida como Lei Aldir Blanc, é um auxílio emergencial, por meio da liberação de até R\$ 3 bilhões para estados e municípios, com recursos oriundos, em sua maioria, do Fundo Nacional de Cultura (FNC).

A Lei renova as esperanças de artistas e escritores atingidos em cheio pela pandemia. O segmento cultural foi um dos mais atingidos pelo confinamento e o isolamento social em função do novo coronavírus. Cantores e cantoras tiveram que se virar com lives, o teatro parou de vez, escritores e escritoras não puderam realizar lançamentos presenciais de suas obras, pintores sem realizar vernissages – todas essas, e outras, atividades que garantem subsistência para o segmento cultural.

Por isso, a chegada da Lei Aldir Blanc foi comemorada pelo setor cultural em todo o Brasil. Neste sentido, artistas e agentes culturais vêm se movimentando em diversos estados do país para garantir a correta aplicação da Lei nos diversos municípios.

A Paraíba não poderia ficar de fora desse momento histórico para a cultura nacional. A Secretaria de Estado da Cultura tem realizado conferências virtuais com diversos segmentos da classe artística para discutir a aplicação da Lei.

É nesses encontros que estão sendo apresentados aos artistas os aspectos previstos na legislação, além de ouvir dos participantes suas dúvidas e questionamentos. O secretário Damião Ramos Cavalcanti esclarece que as conferências virtuais servem para orientar a classe artística sobre os aspectos da Lei, além de colher sugestões de aprimoramento da implementação da Lei na Paraíba.

Na verdade, tais encontros virtuais garantem transparência ao processo de aplicação da Lei Aldir Blanc na Paraíba. Segundo o secretário, o diálogo tem sido exitoso, tanto para a comunidade cultural como para a própria Secult-PB. Através dele, são desfeitas as dúvidas e amplia-se a parceria junto aos artistas e entidades culturais. Destaque-se aqui, também, a parceria da Fundação Casa de José Américo, Fundação Espaço Cultural e Instituto Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Todos engajados no sentido de encontrar e definir, junto com o segmento artístico, a melhor forma de aplicação de uma lei que veio para dar um alento à classe cultural em um momento de crise.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreirafanco46@gmail.com

A dureza dos tempos

A primeira semana de agosto começa este ano com a cara do mês do desgosto. E parece que eu estava adivinhando. No ano passado, fiz uma espécie de prognóstico, não sei quem ainda lembra. Foi quando a deputada Cida Ramos teve aprovado o projeto de sua autoria tornando a Festa das Neves “Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial da Paraíba” (juntamente com a Procissão de Nossa Senhora da Penha). Escrevi então: “...Coitado do prefeito que se meter a cancelar esse evento! Tomara que não, mas, se houver final infeliz, será por ‘causas naturais’, nunca por decisão do mandatário de plantão.” Não deu outra.

Só que o diabo de uma devastadora “causa natural”, mesmo livrando a responsabilidade do prefeito, desceu sobre a festa da padroeira bem mais feio do que supunha minha antecipação. O coronavírus espalhou suas pandêmicas e invisíveis toxinas sobre o Centro Histórico de João Pessoa, inviabilizando a realização dos festejos pela primeira vez em sua história, se não me corrigem os historiadores.

Cheguei a antecipar, em outras oportunidades, que a Festa das Neves iria virar saudade. Na verdade, não continuava a mesma. Guardava muito pouco, quase nada, dos seus tempos de glórias, muito menos dos seus anos dourados, nas décadas de 1940, 50 e até 60. Continuava, entretanto, a seduzir a população da cidade. Tanto que ousei considerar desa-

fio para qualquer prefeito a hipótese de cancelar o evento. Recorri até à lei física da gravitação universal, posto que boa parte da população da cidade continuava atraída por gravidade para o lugar, mesmo sabendo que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.

Pois bem. Vem agora esse malsinado vírus e leva a Festa das Neves para o espaço. Oxalá que apenas este ano, queira Deus, mas certamente 2020 entrará para a história de João Pessoa como o primeiro sem a procissão da Virgem das Neves. Uma pena! Quanto às manifestações profanas, já evocadas inúmeras vezes em crônicas de Carlos Pereira de Carvalho e, quinta-feira passada, rememoradas em emocionante reportagem do JPB na TV Cabo Branco, ficam momentaneamente arquivadas na lembrança.

Quanto a mim, recorro a Drummond para lamentar que não poderei levar meus netos pequenos até o pátio da Catedral, à pracinha do Colégio das Neves, à General Osório, à Conselheiro Henriques, à Praça do Bispo, como este seu avô fazia quando tinha a idade deles. Há coronavírus no ar, feito pedra no caminho. Se pegar o caçula pelo braço, terei que dizer: Lucas, a festa acabou, o povo sumiu, a noite esfriou. Segurando sua mão, ainda que queira ir à missa, missa não há mais, Lucas, e agora? Os tempos são duros, meu neto, os tempos são duros...

/// Mesmo livrando a responsabilidade do prefeito, desceu o mal sobre a festa da padroeira bem mais feio do que supunha minha antecipação. ///

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Manelito do Brasil

Há dias que venho sonhando acordado com Manelito. Ele veio se despedir em sonhos. Debalde eu tentava deletar o sonho, ele voltava insistente e recorrente. Eu era advertido que era apenas um sonho. O maior brasileiro do Nordeste não podia morrer dentro de um sonho vagabundo. O sonho de um perrepipista qualquer, como eu.

Despertei com esta notícia. Doeu mas não surpreendeu. Eu estava sabendo há dias, há noites. Imediatamente determinei o embarque para Taperoá. Contra a força do corona. Eu iria assim mesmo. Contra a vontade da mulher. Eu não vou dirigir – disse Dona Encrenca. Mandei chamar meu fiel afilhado e xará Bruno Otávio. – Vou agora, disse meu fiel escudeiro e afilhado. Bruno é a única pessoa que me toma a benção.

– Vamos ver as condições do carro, eu disse ao xará.

Aí fui vencido. Enfrentar 300 km sem suporte, mais a volta, à noite, não é moleza.

O meu carro é relativamente novo, e está bem conservado, mas estava sem pneu de suporte. O pneu de reserva tinha sido roubado, novo juntamente com sua roda... E ninguém me disse. Por quê? Fui o último a saber, e na hora de viajar. (As viúvas dos três de trinta (Pessoa, Dantas e Suasuna), terminaram por alugar uma casa no Rio de Janeiro, onde foram morar. Viúvas profissionais ficaram carpindo em seu lugar, até hoje.

Manelito é o maior nordestino do Brasil. Dono de virtudes como ser primo legítimo de Ariano e do Doutor João Dantas – aquele que justificou João Pessoa na Confeitaria Glória, no Recife, em 1930. Dantas saporizou-se e se apresentou: “João Pessoa, eu sou João Dantas, a quem tanto ofendeste e humilhaste”. Em seguida, detonou o Colt Cavalinho. De lambuja, Manuel introduziu no Semiárido brasileiro a

raça bovina. Levaram o presidente moribundo para uma farmácia, botaram-no sobre o balcão, mas não teve jeito. O fato se deu em 26 de julho de 1930. Quase um século depois as viúvas profissionais de Pessoa estão dizendo que Dantas atirou pelas costas, na tentativa de desmistificar o gesto viril de Dantas, admirado em toda Paraíba.

Dantas foi baleado na testa pelo motorista do presidente. E foi preso pelos populares que acompanhavam Pessoa. Depois, a polícia da Paraíba, e mais correligionários do presidente morto, compareceram à detenção do Recife e sangraram Dantas e seu cunhado Augusto Caldas este por ter hospedado Dantas em sua residência.

Esta semana morreu mais um Dantas ilustre: Manelito.

Trocaram o sobrenome dele com o de Manelito. O jornal grafou Manelito Sassuna, quando Manelito, primo de Ariano, não é Suasuna, mas Dantas Vilar. Ambos são Dantas. Daí a confusão. Como os dois são primos fraternos, muito unidos, não há problema. São também sócios na caprinocultura de vanguarda que praticam na Fazenda Carnaúba, em Taperoá, no Cariri da Paraíba.

Os dois compraram a semente do rebanho com o dinheiro do prêmio que Ariano ganhou com o romance “A Pedra do Reino”. Saíram os primos na camioneta de Manelito, Sertão de Pernambuco (Navio) e do Piauí a dentro (Vale do Gurguéia) selecionando matrizes e reprodutores. Cruzou esses bodes e cabras nativos com indivíduos exóticos (mas avoengos dos nativos) e obteve as raças pardas e brancas sertanejas – as primeiras para corte e leite, e as segundas para leite. Quer dizer: ambas são de vocação mista, mas todas duas rústicas e frugais, como somos no Semiárido.

/// Manelito é o maior nordestino do Brasil. Dono de virtudes como ser primo legítimo de Ariano e do Doutor João Dantas. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAlbige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TVA UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

O UVIDORIA :
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Orçamento Democrático começa amanhã com audiências virtuais

ODE é a garantia da participação popular na definição dos projetos que serão realizados pelo Governo do Estado

José Alves
zavieira2@gmail.com

O Orçamento Democrático Estadual 2020 (ODE), a ferramenta mais democrática da Gestão Estadual na Paraíba, terá início, amanhã, dia 3 de agosto, mas em virtude da pandemia ocasionada pelo coronavírus, as plenárias serão virtuais e todas terão a participação do governador João Azevêdo. O ODE tem a finalidade de legitimar e tornar mais eficaz os investimentos realizados pelo Governo da Paraíba.

“Acredito que este ano teremos um público maior do que o do ano passado, quando o projeto aconteceu de forma presencial com a participação de mais de 50 mil pessoas”, previu o secretário executivo do Orçamento Democrático Estadual, Célio Alves, relatando que a participação do público deverá ser maior porque a tecnologia está ao alcance da população. Ele enfatizou que quase 90% dos investimentos feitos pelo Governo do Estado passam pelo Orçamento Democrático. E para dar continuidade ao processo de priorização das obras serão realizadas este ano, 14 audiências virtuais com duração de 60 minutos.

Nesse processo, a população discute com o governo suas necessidades, diz o que é prioridade e o governo atua atendendo as demandas. Este ano, as audiências virtuais vão acontecer no período de 3 a 20 de agosto, sempre às 18h, pelo site (digital.pb.gov.br). O site ficará aberto por 48 horas em cada região específica, de acordo com o calendário das plenárias virtuais.

O cidadão interessado em participar deve acessar o site, realizar um breve cadastro e escolher três prioridades de investimento, apontando a obra ou serviço que gostaria que fosse realizado no seu município, com vistas à produção das peças orçamentárias (LDO – Lei de Diretrizes Orçamentárias, LOA – Lei Orçamentária Anual e PPA

– Plano Plurianual) do ano subsequente.

Durante as audiências serão abertos os processos de votação através do site oficial do governo. “Qualquer pessoa terá direito a votar uma única vez. No ODE a população é quem pauta a discussão e os temas mais recorrentes dizem respeito a educação, saúde, infraestrutura, habitação e mobilidade”, afirmou o secretário da pasta.

A Rádio Tabajara, através do seu dial (105.5 FM) e pelos perfis da rádio nas redes sociais (Facebook, Youtube, Twitter, Instagram), irá transmitir as audiências públicas do ODE, entre 18h e 19h.

Modelo tradicional

Tradicionalmente, o Orçamento Democrático Estadual sempre é realizado em espaço público, geralmente em um ginásio de escola da cidade polo da região, com a participação da população, de secretários de Estado e do governador.

Nas audiências do ano passado, registrou-se um recorde de público, com crescimento de 14,1% na participação social. Foram mais de 50 mil pessoas inscritas nas plenárias. Em 2019, o Governo do Estado investiu mais de R\$ 427,7 milhões, sendo cerca de R\$ 300 milhões em novas obras, serviços de engenharia, aquisição de materiais e equipamentos para obras. Neste ano, os investimentos iniciais são da ordem de R\$ 1,8 bilhão.



Através do QR Code, acesse a página do Orçamento Democrático e se cadastre para participar e votar nas audiências



Foto: José Marques/Secom-PB

Por conta da pandemia ocasionada pelo coronavírus, as plenárias serão virtuais e com a participação de João Azevêdo

Como participar

Este ano, as audiências virtuais vão acontecer no período de 3 a 20 de agosto, sempre às 18h, pelo site (digital.pb.gov.br)

■ Veja como acontecerão as audiências do ODE de acordo com o calendário divulgado pelo Governo do Estado.

Dia 03/08 – Catolé do Rocha 8ª Região: Belém do Brejo do Cruz, Bom Sucesso, Brejo do Cruz, Brejo dos Santos, Catolé do Rocha, Jericó, Mato Grosso, Riacho dos Cavalos, São Bento e São José do Brejo do Cruz.

Dia 04/08 – Pombal 13ª Região: Cajazeirinhas, Condado, Lagoa, Paulista, Pombal, São Bentinho, São Domingos de Pombal e Vista Serrana.

Dia 05/08 – Cuité 4ª Região: Baraúna, Barra de Santa Rosa, Cubati, Cuité, Damião, Frei Martinho, Nova Floresta, Nova Palmeira, Pedra Lavrada, Picuí, Seridó e Sossêgo.

Dia 06/08 Guarabira – 2ª Região: Alagoinha, Araçagi, Araruna, Bananeiras, Belém, Borborema, Cacimba de Dentro, Caizara, Campo de Santana, Casserengue, Cuité, Dona Inês, Duas Estradas, Guarabira, Logradouro, Mulungu, Pilões, Pilõeszinhos, Piripirutuba, Riachão, Serra da Raiz, Serraria, Sertãozinho e Solânea.

07/08 Monteiro 5ª Região: Amparo, Camalaú, Caraúbas, Congo, Coxixola, Gurijão, Monteiro, Ouro Velho, Parari, Prata, Santo André, São João do Cariri, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé e Zabelê.

10/08 Cajazeiras 9ª Região: Bernadino Batista, Bom Jesus, Bonito de Santa Fé, Cachoeira dos Índios, Cajazeiras, Carrapateira, Joca Claudino, Monte Horebe, Poço Dantas, Poço de José de Moura, Santa Helena, São João do Rio do Peixe, São José de Piranhas, Triunfo e Uiraúna.

11/08 Campina Grande 3ª Região: Alagoa Grande, Alagoa Nova, Alcantil, Algodão de Jandaíra, Arara, Areia, Areal, Aroeiras, Assunção, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boa Vista, Boqueirão, Cabaceiras, Campina Grande, Caturité, Esperança, Fagundes, Gado Bravo, Juazeirinho, Lagoa Seca, Livramento, Massaranduba, Matinhas, Montadas, Natuba, Olivedos, Pocinhos, Puxinanã, Queimadas, Remígio, Riacho de Santo Antônio, Santa Cecília, São Domingos do Cariri, São Sebastião, Lagoa de Roça, Soledade, Taperoá, Tenório e Umbuzeiro.

12/08 Itabaiana 12ª Região: Caldas Brandão, Gurinhém, Ingá, Itabaiana, Itatuba, Juarez Távora, Juripiranga, Mogeiro, Pedras de Fogo, Pilar, Riachão do Bacamarte, Salgado de São Félix, São José dos Ramos, São Miguel de Taipu e Serra Redonda.

13/08 Mamanguape 14ª Região: Baía da Traição, Capim, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima, Itapororoca, Jacaraú, Lagoa de Dentro, Mamanguape, Marcação, Mataraca, Pedro Régis e Rio Tinto.

14/08 Itaporanga 7ª Região: Aguiar, Boa Ventura, Conceição, Coremas, Curral Velho, Diamante, Ibiara, Igaracy, Itaporanga, Nova Olinda, Olho D’água, Pedra Branca, Piancó, Santa Inês, Santana de Mangueira, Santana dos Garrotes, São José de Caiana e Serra Grande.

17/08 Sousa 10ª Região: Aparecida, Lastro, Marizópolis, Nazarezinho, Santa Cruz, São Francisco, São José da Lagoa Tapada, Sousa e Vieirópolis.

18/08 Patos 6ª Região: Areia de Baraúnas, Cacimba de Areia, Cacimbas, Catingueira, Desterro, Emas, Junco do Seridó, Mãe D’água, Malta, Maturéia, Passagem, Patos, Quixaba, Salgadinho, Santa Luzia, Santa Terezinha, São José de Espinharas, São José do Bonfim, São José do Sabugi, São Mamede, Teixeira e Várzea.

19/08 Princesa Isabel 11ª Região: Água Branca, Imaculada, Juru, Manaíra, Princesa Isabel, São José de Princesa e Tavares.

20/08 João Pessoa 1ª Região: Alhandra, Bayeux, Caaporã, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa, Lucena, Mari, Pitimbu, Riachão do Poço, Santa Rita, Sapé e Sobrado.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NA RELAÇÃO COM O TEMPO DE MANDATO, BOLSONARO É O PRESIDENTE COM MAIS PEDIDO DE IMPEACHMENT

Proporcionalmente falando – na relação tempo de mandato e número de pedidos – Jair Bolsonaro (sem partido) é o presidente brasileiro contra quem mais foram protocoladas representações para retirá-lo do cargo. E esse levantamento se resume apenas até maio deste ano, quando ele completou 16 meses de governo. Nesse período deram entrada na Câmara dos Deputados 31 pedidos de impeachment contra ele. Em relação ao número de pedidos, a ex-presidente Dilma Houssef (foto), do PT, está à frente de qualquer outro: foram 68. Só que em muito mais tempo – 67 meses –, uma vez que ele exerceu dois mandatos, tendo sido apeada do cargo na metade do segundo, em 2016. Um dado interessante é que ex-aliados de ambos foram responsáveis pelos pedidos de impedimento. No caso de Dilma, o pedido acolhido pela Câmara foi o redigido pelo jurista Hélio Bicudo, um dos fundadores do PT, que também foi deputado federal pela legenda. Ente os pedidos protocolados contra Bolsonaro, dois deles foram apresentados por ex-apoiadores de primeira hora do presidente: o Movimento Brasil Livre (MBL) e a deputada federal Joice Hasselmann (PSL). Outros presidentes também foram alvos de pedidos de impeachment: Fernando Collor, 29; Lula, 37; FHC, 27, e Michel Temer, 33.

“NO TEMPO OPORTUNO”

Indagou-se a Ana Cláudia, pré-candidata a prefeita de Campina Grande, se seria possível uma composição com o PP – a ‘engenharia’ política passaria por acordo em João Pessoa, com o Cidadania apoiando a pré-candidatura de Cicero Lucena, e o PP indicado Lucas Ribeiro como vice dela. A pré-candidata limitou-se a dizer que a questão do vice “será definida no tempo oportuno”.

A SENHA DA “EXPULSÃO”

O deputado estadual Cabo Gilberto ganhou, digamos assim, uma senha para sair do PSL, como é o seu desejo, sem risco de perder o mandato por infidelidade partidária: basta procurar o setor jurídico do PSL, e “vai estar fora em 24 horas”, resumiu o presidente da legenda na Paraíba, Julian Lemos. E pensar que eles foram aliados próximos.

CHAPA COM DOIS MÉDICOS

Pré-candidato a prefeito de Patos, Dr. Érico (Cidadania), que é médico, terá companheira de chapa, Myrna Wanderley (MDB), também da mesma profissão. A propósito dessa aliança, ela confirma o que disse, semana passada, o presidente estadual do Cidadania, Ronaldo Guerra, sobre a possibilidade de nova união do partido com o MDB, após a aliança em Guarabira.

NÃO TEM POSIÇÃO

“Conversamos de forma sutil sobre a eleição na Câmara. Como bancada, ainda não avançamos nesse debate”. Do vice-líder do PSB na casa, deputado Gerásio Maia, ao ser provocado a falar sobre os encaminhamentos de bastidores que dão protagonismo ao deputado Aguinaldo Ribeiro (PP), que seria o candidato preferido por Rodrigo Maia, atual presidente.

ROMERO SOBRE DEMORA PARA INDICAR CANDIDATO: “AVALIANDO PESQUISAS”

O prefeito Romero Rodrigues (PSD) explicou o porquê da demora em anunciar o pré-candidato de seu grupo na eleição de Campina Grande: “Estamos na fase da pesquisa qualitativa, que avalia o perfil do candidato, e também da quantitativa. E ainda conversando com lideranças. Por isso, só será possível [anunciar] no dia 10 de agosto”. Até prova em contrário.

“NÃO TENHO UMA DECISÃO”

A assunção do deputado Adriano Galdino à condição de comandante do Avante na Paraíba terá reflexos nas eleições de 2022: especula-se que ele sairá candidato ou a deputado federal ou a senador. “O governador me fez essa pergunta, mas eu ainda não tenho decisão. Vou dialogar [com aliados] para saber os rumos que irei tomar no futuro”, afirmou.



Margareth Diniz,
reitora da UFPB

“Acredito que aula presencial só no ano que vem”

Primeira mulher a dirigir a universidade, ela fala sobre os efeitos da pandemia e as dificuldades financeiras para gerir a instituição

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em época de pandemia, de menos investimento em pesquisa nas universidades públicas do país, de contingenciamento de recursos na educação, de aulas virtuais, não são poucos os desafios para os gestores administrarem as unidades de Ensino Superior no Brasil. E na Paraíba, a médica e farmacêutica Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz, se despede da função

de reitora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no dia 13 de novembro. Ao assumir o cargo em 2012, foi a primeira mulher a ocupar a cadeira ao longo de 65 anos de existência da instituição. Entre os vários assuntos que abordou em entrevista ao Jornal A União, a professora Margareth Diniz fala sobre as medidas de segurança no pós-pandemia; como serão as aulas da universidade a partir de agosto e como vai ser a participação da comunidade universitária no processo de sucessão na reitoria. Confira.

A entrevista

Quais os principais desafios da reitoria para administrar uma universidade pública diante de uma pandemia?

■ Temos o desafio de administrar quase 4 mil servidores técnicos-administrativos, aproximadamente 3 mil professores e cerca de 30 mil estudantes. Então é grande o desafio de fazermos, na pandemia, tanto atividades administrativas como atividade de graduação e pós-graduação. A graduação não parou, continuou a atividade com os recursos digitais. Na graduação foi bem diferente, porque tínhamos um quantitativo grande de estudantes. Por isso o Consepe (Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão) decidiu, a princípio, fazer um período suplementar e ofertaríamos eventos e lives. Por incrível que pareça, 17 mil estudantes estão participando de alguma dessas atividades remotas. Então, tem sido exitoso esse período suplementar, que vai até 14 de agosto.

E após esse período suplementar de aprendizagem, qual a proposta?

■ Estamos enviando ao Consepe a proposta de iniciar um período letivo em que todos os professores vão ter de apresentar suas atividades nesse período, mas também de forma remota. Até porque, temos a portaria do MEC que permite o uso de ensino de forma remota até final dezembro.

Qual o trabalho da UFPB para garantir que todos os estudantes tenham acesso às plataformas digitais?

■ Estamos fazendo um trabalho de aquisição de chip, ou internet patrocinada, ou outro modelo, para que a gente possa chegar até o estudante que esteja em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Isso tudo para que ele possa participar das atividades. É interesse da universidade fazer essa inclusão. A Pró-Reitoria de Assistência Estudantil está viabilizando um levantamento dos estudantes, número de telefones e operadoras de cada um, para que, antes de iniciarmos o período, que todos estejam aptos à inclusão. Mas a decisão sobre a atividade, o conteúdo, vai ser do Consepe. A parte que compete à Reitoria é de garantir que os estudantes tenham acesso à internet e fazer a inclusão. Isso está em andamento.

E, na prática, como será feita essa inclusão digital?

■ Já temos documentados os estudantes de

graduação e da pós-graduação que têm renda familiar de até um salário mínimo e meio. Estamos tentando elevar esse patamar para até dois salários mínimos. Uma parte desses recursos, o MEC vai financiar, e a outra parte a UFPB vai garantir. Em média, 7 mil estudantes serão beneficiados.

Já há previsão de data para a retomada das aulas presenciais na UFPB? O que está sendo feito para esta retomada?

■ Os servidores estão trabalhando em sua maioria em home office, em especial os que estão nos grupos de risco. Criei a Comissão de Biosegurança e a equipe está trabalhando para apresentar um projeto para o retorno das atividades presenciais, inclusive para os técnicos-administrativos: sobre revezamento de turnos, o distanciamento, estamos comprando equipamentos para verificar a temperatura corporal, os tapetes sanitizantes. O álcool em gel 70% e o líquido já estão sendo produzidos pela universidade. Então, estão sendo planejadas uma série de medidas para mitigar os riscos desse retorno. Suponho que aula presencial só ocorrerá o ano que vem, mas é o Consepe quem vai decidir.

Como será a transição da sua gestão que terminará agora em novembro? Como a comunidade universitária vai participar deste processo, neste cenário de pandemia?

■ Estamos num período de sucessão. Vamos fazer a consulta à comunidade universitária para que o MEC não encaminhe um reitor pró-tempore. Essa consulta será feita com todo cuidado, por via online, pelo sistema SIGEleição. Estamos tratando com a nossa Superintendência de Tecnologia da Informação. Várias universidades já fizeram assim e deu certo. Vão votar todos os estudantes, professores e servidores técnicos-administrativos ativos da universidade. A consulta vai ser no dia 26 de agosto e, em seguida, vamos chamar o Colégio Eleitoral para formar a lista triplíce. Até o dia 12 de setembro, tenho de enviar essa lista ao MEC.

Que ações, iniciadas na sua gestão, não puderam avançar, e a senhora espera que tenha continuidade na próxima gestão?

■ Essa foi uma gestão com projeto exitoso, seja na pesquisa, na extensão, na inovação tecnológica, na internacionalização. Na inovação somos hoje primeiro lugar em depósito de patentes do Brasil, na internacionalização criamos a Agência de Cooperação Internacional e já temos

convênio com 86 países. Fomos contemplados com o Print (Programa de Internacionalização da Capes) e das mais de 100 universidades que concorreram, 36 foram contempladas, entre elas a UFPB. Contratamos mais de 60 professores visitantes com experiência internacional e isso foi fundamental para a pós-gradual.

A UFPB enfrentou dificuldade orçamentária nos últimos meses. Houve risco, inclusive, de a universidade cancelar o semestre letivo por causa do contingenciamento dos recursos. Como está a receita da universidade atualmente?

■ O orçamento da universidade é bem significativo, só que cerca de 90% do orçamento que vem na Lei Orçamentária Anual (LOA), vai para a folha de pessoal. Então restam 10% para todas as outras atividades. Fica um quantitativo pequeno para investimento. Mas, apesar de toda restrição orçamentária, a universidade avançou, porque fizemos o uso responsável dos recursos, e buscamos recursos extra orçamentários através de emendas parlamentares. Não estamos devendo a ninguém. Vou entregar a universidade totalmente equilibrada.

Quanto foi investido em capacitação na UFPB?

■ Quando chegamos aqui, 53% dos nossos professores tinham doutorado e hoje são 81% e muitos destes têm pós-doutorado. Isso foi possível porque garantimos um professor substituto para ele poder sair e fazer a pós-graduação. Esse professor mais qualificado concorreu aos órgãos de fomento e ganharam recursos que viabilizaram uma série de ações na instituição. Hoje, 53% dos servidores técnicos-administrativos têm também pós-graduação, porque criamos o Programa de Qualificação Interna, em que todo curso de pós-graduação que absorvesse esse servidor da instituição, nós pagaríamos a taxa de bancada.

No balanço da sua gestão, cite seus principais legados para a UFPB.

■ O novo estatuto da universidade é um marco relevante. Tínhamos um estatuto obsoleto e já estamos na parte final, para fazermos a avaliação e enviarmos depois ao MEC. Outro ponto importante é a internacionalização da UFPB. Hoje temos convênio com 86 convênios de todo mundo. Tem ainda a inovação tecnológica. A assistência estudantil também está em

outro patamar e isso é um legado, porque 50% dos nossos estudantes são de escolas públicas e outros vêm e já chegam em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Um dos grandes desafios dos últimos meses da UFPB foi a conclusão de algumas obras que estavam paradas. Como a senhora avalia o andamento dessas obras na sua gestão?

■ Entregamos o prédio da Pós-graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, o prédio da Pós-Graduação da Fisioterapia e Educação Física, da Prefeitura Universitária, o prédio da Superintendência de Tecnologia da Informação, o prédio da Pesquisa Química, ou seja, são várias obras feitas, outras precisam ser concluídas. Vamos fazer a licitação da Escola de Música, do Centro de Energias Alternativas e Renováveis ainda na minha gestão. Muitas obras não tinham alvará de construção e uma série de pendências, mas nós organizamos e o próximo reitor vai encontrar tudo documentado. Estamos dialogando com o Governador João Azevêdo para implantarmos o Memorial Sivuca no novo Centro de Arte e Cultura. Essa parceria vai ser bem produtiva.

Há data de quando a TV Universitária será aberta?

■ A TV Universitária será aberta até setembro, no seu prédio próprio, com toda infraestrutura. Compramos equipamentos, estruturamos e a inauguração deve ocorrer, no máximo, em setembro.

Como a senhora avalia essa experiência na UFPB como reitora?

■ Sou a primeira mulher reitora a assumir aqui na universidade em 65 anos de UFPB. O grande desafio foi cumprir o que estava na nossa carta-programa. Tenho grande orgulho do que fizemos nos últimos anos. O que apresentamos como exitoso é fruto de um trabalho coletivo, de uma equipe que formamos, com pessoas competentes, com o apoio dos diretores de centro, que nos permite mostrar um livro chamado UFPB em Números, baseado em evidências, que vai mostrar todo trabalho que nós fizemos.

Quais seus planos para o futuro?

■ Sou farmacêutica e médica, professora titular da universidade, oriento estudantes da pós-graduação, sou pesquisadora do CNPq. Então, vou voltar às minhas atividades acadêmicas e vou voltar aos meus estudantes. Queria agradecer o apoio de toda comunidade universitária. Nos esforçamos para que a UFPB se tornasse o que é hoje, uma das melhores universidades federais do Brasil.



Foto: Roberto Guedes

João Pessoa completa 435 anos

marcada por uma pandemia



Foto: Marcus Antonius

Aniversário da capital paraibana, que será comemorado no dia 5 de agosto, entrará para a história por conta da pandemia

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

João Pessoa completa 435 anos no dia 5 de agosto, mas desta vez não vai ter festa. Os tempos são diferentes e o aniversário terá sabor de saudade. Não haverá o colorido do parque de diversões, nem o sorriso da criança diante dos balões ao vento, nem shows e nem mesmo a disputa pela cobiçada maçã do amor. A tradicional Festa das Neves, que homenageia a padroeira da cidade, ficará para depois. A cidade lembrará a data de forma respeitosa diante dos mais de 21.300 casos. O ano está sendo difícil. A pandemia mudou a vida de todos.

E num cenário em que tudo é incerto, renovar as esperanças na perspectiva de dias melhores é a receita da psicóloga Ludmila Rodrigues para não ser vencido por todos os sentimentos que afloram nesse momento.

“Mesmo passados todos esses dias, diante da pandemia, devemos observar ainda que coisas podemos fazer na nossa rotina diária, com os filhos em casa, se reinventando, mais próximos dos familiares”, observou.

Para a economista Ana Alice de Alexandria esse aniversário da cidade terá um tom introspectivo. “Já era tradição levar meu filho Rafael à Festa das Neves e participar da programação religiosa. Mas este

Já a advogada Célia Falcão, acrescenta que este momento serve para nos reconhecermos como testemunhas oculares da história. “Nunca imaginaria que pudesse passar por um momento como esse. Este aniversário de João Pessoa certamente ficará na lembrança de todos. Não tem como ser diferente e estamos fazendo parte dessa dolorida história”.

A saudade também é um ingrediente importante em todo este processo de isolamento. O estudante João Lucas, que cursa o Ensino Médio, diz que sente falta das idas ao Centro para encontrar os amigos.

“De repente, a gente vê o que faz falta. Estou há tanto tempo sem ver a Lagoa, o Ponto de Cem Réis, sem ver a cidade. Não podemos mais, é aglomeração. E haja máscara, né? Com certeza será uma ‘Festa das Neves’ bem diferente”.

A professora Meire Santos lamenta que, no meio do caminho, algumas coisas precisem ser suprimidas.

“Meus filhos adoram essas festas e uma das que eles esperavam ansiosos seria a Festa das Neves. Infelizmente, não será possível. A gente sabe que é um momento importante na cidade, e é lamentável que um evento cultural, tradicional, que move a economia, não vá acontecer”, disse.

Uma gente que persevera

Diante desse cenário imposto pela pandemia, a cidade precisou reagir para não sucumbir. O pessoense mudou o comportamento, passou a ficar em casa, saindo apenas quando imprescindível. Foi preciso adotar novos hábitos e abrir mão de muita coisa, tudo em nome do bem-estar de todos. Máscaras e álcool gel se tornaram primeira necessidade, assim como os protetores faciais e até mesmo luvas. O ato de lavar as mãos virou uma espécie de ritual.

Muitos passaram a trabalhar em casa, convivendo de forma mais intensa – e, às vezes, estressante – com os familiares.

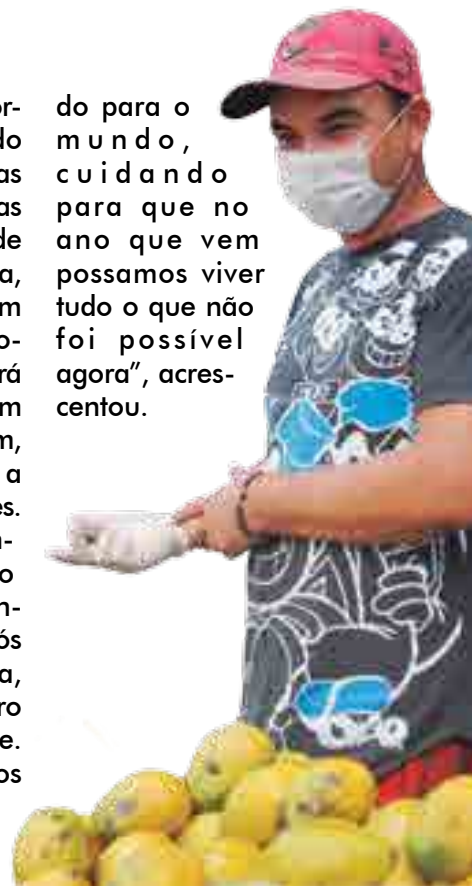
Foi indispensável deixar de lado as aulas presenciais, o encontro com os amigos, as baladas e até mesmo o jeito afetivo tão característico do povo pessoense. Mudanças para o bem de todos.

“A gente está num novo normal. Agora estamos retornando às atividades e, das várias coisas das quais já abrimos mão, estão as comemorações. O aniversário de João Pessoa é só uma delas. A festa, o momento que muitos esperavam para se divertir, levar as crianças, comemorar com a família, não poderá ser. Esse ano, temos pessoas com familiares doentes, que morreram, que estão com medo”, observou a psicóloga clínica Ludmila Rodrigues.

Por outro lado, porém, ela ensina que, apesar de tudo, é preciso se reinventar. “É importante pensar no que é prioridade para nós diante de tudo isso, seja família, trabalho, olhar mais para dentro de nós, olhar o que é prioridade. Uma grande lição que podemos estar refletindo é a importância do ser, muito mais do que o ter, que tipo de pessoa estou sen-

do para o mundo, cuidando para que no ano que vem possamos viver tudo o que não foi possível agora”, acrescentou.

Foto: Marcus Antonius



ano, apesar da tristeza, é um alento passar o dia em casa, com saúde”, contou.

1872 ○ Em 1872, a capital paraibana tinha apenas 25 mil habitantes, de acordo com os primeiros registros sobre o tamanho da população.

1970 ○ De 1970 a 2019, houve um acréscimo de 580,5 mil pessoas no total de habitantes da capital, saindo de 228,4 mil para mais de 800 mil.



1920 ○ Nos últimos 99 anos, a população de João Pessoa cresceu 1.500%, saltando de 52,9 mil, em 1920, para 809 mil hoje.

2019 ○ Em 1940, a participação da população de João Pessoa no total da Paraíba era de 6,6%; passou para 12,1% em 1980; em 2010, era de 19,2%; e em 2019, 20,2%.



Foto: Roberto Guedes

O Rio Sanhuaú testemunha o crescimento de João Pessoa para além de suas margens

Em busca de prazer, casais traem mais na pandemia

Isolamento e desgaste no relacionamento com a convivência intensa têm aumentado os casos de traição em JP

Laura Luna
Lauraragao@gmail.com

O isolamento social e a intensa convivência conjugal parecem estar gerando um efeito, no mínimo, inusitado. É que o número de pessoas comprometidas dispostas a trair aumentou consideravelmente durante a pandemia, período nada propício a novos encontros. A demanda colocou a capital paraibana em 12º no ranking nacional. João Pessoa é a capital nordestina com maior índice de traição. Os dados são da Ashley Madison, rede social com foco em relacionamentos extraconjugais, que reúne milhões de usuários em todo o mundo. Os encontros podem ser apenas virtuais mas, segundo a pesquisa feita pela plataforma, as pessoas também estariam pensando nos encontros reais pós-pandemia.

No ano passado, a capital paraibana ocupava a 15ª posição, mas com os dados coletados entre 21 de março e 1º de julho de 2020, saltou para a 12ª. O cres-

cimento pelo interesse na “pulada de cerca”, segundo os especialistas, pode estar associado à tensão do confinamento. Mas há quem acredite que os números não, necessariamente, cresceram, teriam apenas se tornado mais fáceis de contar, digamos assim. O que parece ser senso comum é o fato de que traição, seja em qual período for, é sempre um golpe difícil de perdoar.

Para entender por que, em pleno século 21, onde o amor se mostra das mais variadas formas, a traição ainda machuca tanto, é importante entendê-la. O conceito da palavra tem relação com a falta de lealdade, ou seja, não diz respeito a relacionar-se com outras pessoas e, sim, não partilhar com o parceiro ou parceira esse desejo.

A psicóloga Aracelly Marques chama a atenção para a quebra de um vínculo de confiança que pode ter consequências para a pessoa traída. Sobre os dados divulgados e o possível aumento no número de casos fora do relacionamento,

a especialista opina: “Eu acho até que o isolamento provocou uma diminuição no número de traições efetivas, físicas. O que pode acontecer é um aumento da descoberta, porque há um rastreamento e, consequentemente, mais registros facilitados pela tecnologia.” Aracelly disse ainda que há pessoas que não consideram como sendo traição os relacionamentos extraconjugais virtuais. “Isso facilita, mas as pessoas se enganam e até usam como argumento em caso de serem descobertos, o fato de não ter havido a consumação, o encontro físico.”

João Pessoa aparece como a capital nordestina com maior número de casos extraconjugais, segundo ranking elaborado por site especializado em relacionamentos

A psicóloga Aracelly Marques lembra que a traição, mesmo sendo apenas uma aventura virtual, pode quebrar o vínculo de confiança entre o casal



Foto: Acervo pessoal

+ “Romances” surgem como alternativa às restrições do momento

Com fila de espera nos consultórios onde também atendem casais, a psicóloga Karina Simões e o marido, e também psicólogo, Fabiano Moura de Moura, contam que a procura pela terapia triplicou com o isolamento social. Entre as queixas mais comuns está a traição. Os especialistas afirmam que a pandemia restringiu muitas fontes de prazer, resultando na intolerância entre os casais e abrindo espaço para novas buscas. É neste contexto de intolerância com o cônjuge e busca por novas satisfações que a traição surgiu

como alternativa.

O excesso de convivência entre os casais pode acessar, em muitos casos, a necessidade de novas experiências. A própria raiva e os instintos mais primitivos podem estimular desejos que encontrem correspondência na traição, explicam. Mas, ambos acrescentam também que identificar o que leva um casal a essa situação não é tarefa das mais simples. “Ouvimos, na prática clínica, muitos relatos de infidelidade conjugal, mas é difícil afirmar, bem como quantificar, o quanto as traições são consequências

do confinamento. Nesse momento, um questionamento que precisa ser feito é: a traição é reflexo de um casamento já falido? Ou é causa para falência de um casamento?”.

Troca de mensagens

No caso de João (nome fictício), 42 anos, é a primeira opção. Ele conta que a união já não ia bem havia algum tempo e a separação aconteceu bem no início da quarentena. O fim do relacionamento de 14 anos se deu ainda no mês de março, e teve como gota d’água uma suposta traição, descoberta

através da troca de mensagens do companheiro em uma rede social. João disse que tem consciência de que o isolamento social deixou tudo ainda mais difícil. “Com o início da pandemia, a minha ansiedade, que estava controlada, voltou mais forte. Com isso, a falta de paciência, de ambas as partes, era frequente”.

O namorado também andava tenso com o andamento dos negócios, que ficaram mais complicados, e o que já não ia bem, ficou ainda pior. “Começamos a brigar muito, brigas homéricas, ofensas, foi

quando decidimos nos afastar. Acharmos que foi a decisão mais acertada”.

Os prints com a conversa onde o namorado marcava um suposto encontro ainda estão guardados. “O que me deixava p* era que ele nunca tinha tempo para mim, mas para as conversas paralelas, sempre tinha”, afirma a ex-companheira. Vale destacar que ambos já haviam traído ao longo dos anos de relacionamento, quando ainda nem se pensava em pandemia, e mesmo antes da facilitação promovida pela internet.

Foto: Acervo pessoal



Os psicólogos Karina Simões e Fabiano Moura de Moura, que atendem casais, dizem que a procura pela terapia triplicou com o isolamento social e, entre as queixas mais comuns, está a traição

Caso só pela internet

No momento, Ana (nome fictício), 36 anos, mantém um relacionamento extraconjugual pela primeira vez. Casada há 16 anos e mãe de dois filhos pequenos, ela que, por motivos óbvios, prefere não se identificar, conta que a “aventura” começou há 1 mês e meio, no auge do isolamento social. “Foi através de uma rede de relacionamentos. Eu me cadastrei meio que por curiosidade e, dias depois, já estava de papo com uma pessoa”, conta. Ana explicou também um pouco do contexto em que o casamento estava inserido quando sentiu vontade de viver essa experiência fora. “Em casa, fiquei fazendo praticamente tudo sozinha, sem muita ajuda. Foi quando me dei conta de que não estava sendo cuidada, não havia uma preocupação comigo, sabe? Não estou falando para justificar, mas acho importante dizer que não estava feliz e também não estou feliz no momento”, confessou.

Ana deixou claro que não pensa em divórcio e acredita que o relacionamento extraconjugual tem ajudado a atravessar essa fase. “Não penso em me encontrar pessoalmente, já deixei isso bem claro. Não teria coragem de sair de casa para um encontro, acho que ia ficar com a sensação de que poderia ser vista, não sei, acho que não relaxaria”. A facilidade proporcionada pelas redes sociais com a possibilidade de ter outras experiências através do próprio aparelho celular foram determinantes na decisão de Ana. “Quando não estiver mais interessada, dou um ponto final. Sem grandes complicações, simples assim”. Ela acredita que quando, de fato, tudo voltar ao normal, o casamento tomará outro fôlego.

Isolamento também afeta o lado cognitivo das crianças

Para especialistas, brincar é uma das saídas para substituir a falta de interação dos pequenos com mundo exterior

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Diante das muitas incertezas da covid-19, algumas dizem respeito às consequências do isolamento para o desenvolvimento infantil. Mais uma vez, os pais devem ficar atentos às sequelas da pandemia para a saúde mental dos pequenos, principalmente na fase em que o processamento da linguagem e o entendimento das primeiras regras e limites entram no mundo deles.

Camila Carneiro, 28, é mãe de Luiz Felipe, de 2 anos e 8 meses. A quebra da rotina fez com que a casa da assistente social virasse de cabeça para baixo: "Ele queria o tempo toda a minha atenção, então, muitas vezes, tive que deixar o trabalho de lado para ficar com ele. Nos primeiros dias, Luiz teve febre, ficou agitado, mudou o sono e desobediência", lista ela, que aponta as birras no chão como o principal sintoma de revolta assim que os pais se concentravam no home office.

Segundo a fonoaudióloga Cecília Cavalcanti, o tripé fundamental para a aquisição da fala são o contato visual, a compreensão e a imitação. "A imitação é muito importante nesta habilidade. Só que, devido ao isolamento, as crianças não estão tendo acesso aos seus pares e à forma mais simples de aprender uns com os outros". Ela diz que a procura pela intervenção fonoaudiológica aumentou nos últimos meses porque alguns pais detectaram atrasos e trocas na fala que antes não tinham tempo de observar – ou esperavam o filho desenvolver na escola.

"A partir dos 3, 4 anos de idade, em situações normais, as crianças já começam a entender as regras e limites naturais do convívio, e é neste ponto que o isolamento interfere", completa Gonçalves. As frustrações infantis frente ao que elas não entendem (o perigo de uma doença lá fora, por exemplo) se manifestam por irritabilidade, impaciência, desmotivação, podendo chegar à agressão, contra si ou os familiares – comportamento acentuado pelo estímulo dos brinquedos eletrônicos, alerta a psicóloga.

"É importante que a família separe um tempo do dia para sentar no chão e simplesmente brincar. O lúdico é essencial para o imaginário da criança. Não falo de brinquedos caros, sofisticados, mas de criatividade", aconselha.

Com a pandemia, pais devem ficar atentos à saúde mental das crianças e encontrar formas lúdicas de lidar com as emoções



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Arquivo Pessoal

A assistente social Camila Carneiro conta que o filho, Luiz Felipe, de 2 anos e 8 meses, teve várias formas de demonstrar suas emoções com todas as mudanças que surgiram após a pandemia

+ Brincadeiras como processo de aprendizagem

Foto: Arquivo Pessoal

A fonoaudióloga Cecília Cavalcanti fala da importância de os pais se desligarem do mundo adulto para se conectar com a diversão.

"Acredito que as experiências que as crianças estão perdendo irão deixar marcas. O que devemos fazer? Digo aos pais: brinquem! Se sujem, façam bagunça funcional, cozinhem, imaginem, plantem carosinhos de feijão, façam da sala um acampamento, do lanche um piquenique, cabanas com lençóis, pintem, cortem, cantem, contem histórias... O desenvolvimento infantil precisa de atenção dentro do que podemos oferecer".

Para Andréia Dutra Escarião, professora de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é nas trocas com o outro e na exploração do ambiente que a criança constrói o conhecimento sobre o mundo, os outros e ela mesma. "A impossibilidade momentânea de vivenciar as interações na escola e o repertório de experiências reduzido podem comprometer o seu desenvolvimento integral. Por isso é importante que as famílias busquem alternativas que oportunizem a brincadeira, a expressão dos sentimentos, a oralidade e a construção do pensamento", recomenda.

Camila conta que brincar foi a saída que encontrou para acalmar os ânimos do filho: "Eu precisei abrir vários brinquedos para fazê-lo focar. Também pesquisei na internet dicas com profissionais sobre atividades de lazer e recreação", lembra. "Um dos momentos



Os pais precisam sair do mundo adulto e se conectar à diversão, afirma Cecília Cavalcanti

mais tristes foi quando Luiz pegou o sapatinho e a roupinha e disse 'Mãe, bora pra casa da tia Nane e da vovó'. Eu chorei, porque também não estava aguentando mais", disse. O menino que, segundo ela, também ficava incomodado com a distância da tia, da avó e dos primos, a quem era muito apegado, aprendeu a ligar pelo WhatsApp para matar as saudades. Toda esta adaptação cobrou um preço: a profissional passou a sofrer com crises de ansiedade e o peso de cuidar da casa e da família se abateu muito sobre o trabalho. "Hoje, de volta à

antiga rotina, ele passa o dia com uma cuidadora e quer toda a nossa atenção à noite e fins de semana. Como não gosta da máscara, evitamos passeios", fala a mãe.

Escarião reforça que, acima de tudo, é preciso entender que este é um contexto novo, em que as crianças também estão impactadas emocionalmente. "É preciso compreender que acolher esses sentimentos fará diferença na maneira como elas irão ressignificar essa experiência e aprender sobre cooperação, solidariedade, gentileza, amabilidade e sensibilidade".

Trabalhar meios de cognição

"O isolamento imposto pela pandemia é como uma faca de dois gumes: ao retirar a criança dos grupos de interação, como a creche e a escolinha, a devolve para o seio da família, que é o seu primeiro vínculo social", pondera Erika Patrícia de Oliveira Gonçalves, psicóloga com enfoque no tratamento do transtorno do espectro autista. O desenvolvimento da cognição e, por consequência da fala, implica o estabelecimento de laços. Aos pais, agora em casa, cabe o papel de ensinar as palavras novas e aprimorar a faculdade comunicativa que o contato com a realidade de fora privou.

Foto: Arquivo Pessoal



Psicóloga Erika Patrícia: aos pais, cabe o papel de ensinar



Taperoá

Passeio pela história e economia na caprinocultura

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Tendo como forte na economia a caprinocultura, devido ao trabalho de pesquisa desenvolvido pelo engenheiro civil Manoel Dantas Vilar, conhecido nacionalmente por Manelito Dantas, falecido na manhã da última terça-feira (28), o município de Taperoá, no Cariri paraibano hoje é referência na área. A técnica de como conviver com a seca tornou a Fazenda Carnaúba, de propriedade do engenheiro, referência nacional no cultivo e sobrevivência no Semiárido.

Esse trabalho é importante para o município, não somente na área da caprinocultura, como também para o turismo nacional, por conta da realização do “Dia D”, maior mostra de caprinos e ovinos nativos do Brasil, realizada desde 2013, na sede da fazenda. O evento é direcionado exclusivamente para o produtor rural, seja ele o pequeno, médio ou o grande, evento que movimenta toda a cadeia produtiva do turismo, lazer e negócios, a exemplo dos meios de hospedagem, alimentação e o artesanato local.

O município tem 133 anos de fundação e encontra-se no Planalto da Borborema, na parte central do Estado. Faz parte da Mesorregião da Borborema e da Microrregião do Cariri Ocidental. Fica há 245 km da

Capital, João Pessoa e há 120 km de Campina Grande. Limita-se com os municípios de Desterro, Livramento, Passagem, Salgadinho, São José dos Cordeiros, Parari, Santo André, Assunção, Areia de Baraúna e Caimbas. A BR 230 e a PB 238 são as principais rodovias que dão acesso ao município. Sua vegetação é nativa, em sua maior parte com espinhos e catombos, típicas do Semiárido paraibano.

O prefeito do município, Jurandi Gouveia Farias, revela que Taperoá é uma terra cultural por ser berço de vários nomes da cultura paraibana, citando como exemplo o escritor Ariano Suassuna, que nasceu em João Pessoa, porém considerava-se taperoense de coração; Manelito Dantas, Vital Farias e muitos outros que representam a cultura local. A atual gestão municipal tem investido no crescimento da economia, “o comércio de Taperoá cresceu nos últimos anos, porque nós temos investido bastante, fazendo o máximo possível para priorizar os comerciantes, principalmente os locais, e isso tem tornado o comércio mais

amplo, onde a população encontra hoje todos os produtos que deseja adquirir”.

O Centro Histórico do município de Taperoá foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial da Paraíba, através de lei publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) no dia 10 de dezembro de 2019. O Centro Histórico da cidade é composto por construções que identificam a história da Paraíba, a exemplo de igrejas católicas, entre elas a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, primeiras ruas da cidade, onde há inúmeros casarões e sobrados antigos, museu A Casa de Ariano, diversas praças e a Ponte dos

Arcos, mais conhecida pelos taperoenses como “Ponte Velha”, construída entre os anos de 1925 e 1926, durante o Governo Estadual de João Suassuna.

A Ponte dos Arcos conta com uma extensão de 64 metros e quatro arcadas, duas grandes e duas pequenas. A bela ponte já serviu de entrada para a cidade e escoamento da produção de algodão e milho, que na época, Taperoá era uma das maiores produtoras do Brasil. A sua revitalização, feita na atual gestão municipal, foi concluída em outubro do ano passado e desde a sua construção, ela passou a ser um local de visitação por pessoas que procuram um lugar mais tranquilo na cidade para admirar o pôr do sol, daí se tornou um ponto turístico.

O município conta com diversos sítios

arqueológicos, a exemplo da “Lagoa do Escuro”, classificado como sendo de arte parietal, de gravuras e pinturas estampadas numa formação rochosa de origem granítica. O “Pau Leite”, arte rupestre comum ao resto da região e que apresenta mais dois pontos com pinturas. Outra beleza esculpida pela natureza é a Serra do Pico, que se destaca na paisagem por sua amplitude morfológica e é considerado o segundo ponto mais alto do Estado, ficando atrás apenas do Pico do Jabre em Maturéia-PB, com altitudes superiores a 900m lhe conferindo condições climáticas excepcionais e uma flora exótica adaptada a altitude.

/// A Serra do Pico, que se destaca na paisagem por sua amplitude morfológica e é considerada o segundo ponto mais alto do Estado, está situada no município de Taperoá ///

A Pedra Furada, granito que tem o formato de uma boca, muito parecida com a “Pedra da Boca”, do município de Araruna-PB. Mas uma bela formação da natureza é o local chamado de Lumiara Jáuna, constando de três pedras que fica localizada na Fazenda Carnaúba. O lugar faz parte do projeto do livro deixado pronto pelo escritor Ariano Suassuna, porque a pedra casava com a escrita do seu novo romance, onde um personagem faz inscrições rupestres, entalhadas em uma pedra semelhante a da Pedra do Ingá que é um sítio arqueológico rupestre.



Um dos casarões antigos da cidade abriga a sede da Câmara Municipal



A Ponte dos Arcos, conhecida como “Ponte Velha” foi construída entre 1925 e 1926



O Centro Histórico é composto por construções que identificam a história da Paraíba

Foto: Roberto Guedes

Foto: Teresa Duarte

Foto: Roberto Guedes



NOVA MODA que está na cara

Com o apoio do Programa de Artesanato Paraibano e a ajuda da web, rendeiras do Cariri customizam máscaras e driblam crise financeira

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

O contexto da pandemia evidencia a necessidade de se reinventar, algo adotado por diversos artistas e artesãos mundo afora. No Cariri paraibano, as mais de 4 mil artesãs que produzem renda renascença encontraram uma alternativa: através da confecção de máscaras e faixas de cabelo, elas voltam a ganhar visibilidade e começam a recuperar o rendimento financeiro neste período conturbado.

De acordo com Marielza Rodrigues, coordenadora do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), há quatro municípios envolvidos no projeto com as rendeiras: Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê e Monteiro. A iniciativa, portanto, é uma cooperação entre o Governo do Estado (através do PAP), o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procasa), a Agência Regional do Sebrae de Monteiro e a Prefeitura Municipal de Monteiro.

“Estamos nos organizando para realizar um projeto de forma com que elas consigam realizar compras e vendas em conjunto. Durante a pandemia, elas mesmas se reinventaram e começaram a produzir as máscaras, além de pedirem pela criação de uma plataforma virtual para venda”, explica Marielza.

A plataforma citada pela coordenadora é o Instagram *Mãos do Cariri* (@Rendasdocariri), na qual podem ser encontradas fotos das confecções de máscaras e efetuar as compras. A partir de

“// Durante a pandemia, elas mesmas se reinventaram e começaram a produzir as máscaras, além de pedirem pela criação de uma plataforma virtual para venda //”

quando as rendeiras são inseridas no ambiente virtual, é possibilitado o aumento de sua visibilidade.

Ana Maria Sales Lins, a primeira-dama do Estado, é a presidenta de honra do Programa de Artesanato Paraibano. “Ela é uma grande incentivadora, realizou a visita às rendeiras e sentiu a necessidade de promover uma maior atenção às artesãs”, comenta Marielza Rodrigues. Tanto que Ana Maria postou uma foto em seu perfil do Instagram utilizando a máscara nesta semana e está gerando uma grande repercussão on-line, reforçando a iniciativa.

Girando a economia

Como parte dos incentivos, um prédio histórico do centro de Monteiro está sendo reformado para a criação do Centro de Referência do Artesanato, que será destinado para lojas e salas de capacitação para as rendeiras. “Em vez de um retrocesso, estamos avançando”, afirma Marielza Rodrigues, otimista.

Madalena Arruda, Gerente Regional do Sebrae de Monteiro, apoia a alternativa da produção de máscaras pelas rendeiras. “Movimenta a economia local em uma hora tão difícil, especificamente para elas. Gera um retorno financeiro não apenas para as famílias das rendeiras, mas para a comunidade em que estão inseridas”.

As vendas das confecções em renda renascença, que caíram drasticamente desde o início da pandemia, podem começar a se recuperar agora, como a Gerente Regional explica. “Elas promovem proteção para o consumidor e ainda fomentam a nossa cultura”. Madalena Arruda afirma que atualmente o foco das instituições é ressaltar a promoção do acesso da renascença a novos mercados.

Com duas camadas de tecido 100% algodão, linha e lacê, Regina Gomes é uma das rendeiras que viu, na realização de máscaras, uma alternativa de rendimento. O item, que já deixou de ser apenas um essencial na pro-



Ana Maria Sales Lins, presidente de honra do PAP, postou nas suas redes sociais um dos resultados da produção do ‘Mãos do Cariri’ para prevenção da pandemia

+ Máscaras tornam a renda renascença mais acessível

O estilista mineiro Ronaldo Fraga vê todo o contexto da pandemia um momento de reinvenções em diversos setores da moda. O segmento, para ele, é um reflexo da sociedade.

“Quando você consegue entender a história do homem através da arte e das pinturas pelo Renascimento, a partir do século 20, essa identidade vai ser representada também na moda, que simboliza os desejos da respectiva época. Agora não vai ser diferente: as máscaras são itens essenciais e que devem permanecer por muito tempo, há, inclusive, quem acredite que elas nunca mais saiam de moda”.

Um respiro na economia local, as máscaras podem promover a renda renascença de uma forma mais acessível. “Muita gente tem vontade, mas não pode ter um vestido em renascença. Por isso, mais pessoas estão se aproximando. Acho uma ideia superassertiva, genial, que resolveu várias questões de uma forma só. Há a proteção contra o coronavírus e o rendimento para as mulheres, além de que não há espaço para a apatia e improdutividade para as artesãs. Elas passam a se sentir mais produtivas”, comenta Fraga.

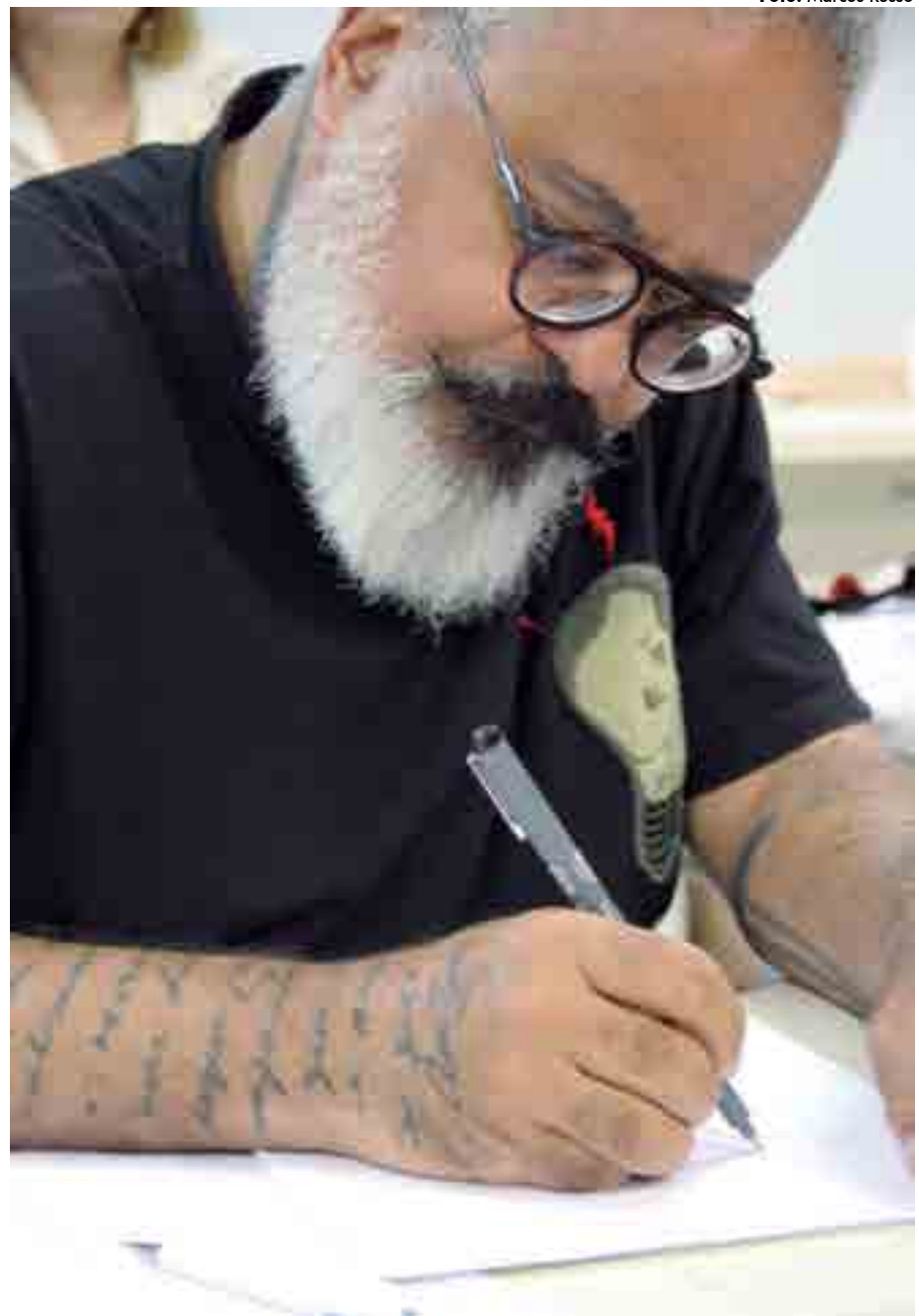
Um termo já criticado, o “novo normal” não é mais novo para muita gente. Sobre isso, o estilista defende a ideia de que não há como voltar ao que era antes no que se refere ao consumo. “Quem tinha consciência de consumo, já vinha nesse processo e vai reforçar esse lado. Quem não se importava com isso, vai continuar do mesmo jeito. É uma mudança do indivíduo, não do grupo”.

A renascença, encontrada em peças de roupa, jogos americanos, enxovais de bebê e acessórios, é conhecida por muitos paraibanos, mas o custo final de cada peça não é caro se avaliado da forma indicada por Fraga. “Quando você leva

a informação de que um vestido, por exemplo, pode resultar em até cinco meses de trabalho de uma rendeira, a pessoa muda de ideia em relação ao que é caro de verdade”, justifica o estilista.

Portanto, são produtos que devem ser entendidos como uma parte de nossa ancestralidade. “Não

é um artesanato qualquer. Existem grupos de artesãos no Brasil que se aproximam, de um jeito único, da arte, e a renda renascença é um deles”, analisa. “Um vestido de renda renascença em um país com pessoas culturalmente bem informadas, seria entendido como muito além de um vestido”.



Segundo o estilista Ronaldo Fraga, há quem acredite que as máscaras nunca mais saiam de moda

teção contra a covid-19, agora se aproxima de um acessório de moda.

Para ela, as vendas melhoraram com a alternativa, depois de meses com baixo número de encomendas. “Com certeza foi uma boa ideia. Depois que Ana Maria

Sales postou na Internet, a gente recebe ligação o dia inteiro. Tem gente encomendando até para o Natal”, resalta a artesã paraibana.

O estilista mineiro Ronaldo Fraga veio para a Paraíba em 2019 para a realização da coleção #SomosTODOS-

Paraíba, cujo desfile aconteceu em João Pessoa, em janeiro deste ano. O projeto do profissional da moda visava também levar as peças confeccionadas para o São Paulo Fashion Week, mas a pandemia resultou no cancelamento do evento. “Não estávamos

vendendo muitas peças desde abril. Agora, eu não paro de produzir máscaras. Já enviei para João Pessoa, Campina Grande, São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis e Mato Grosso”, menciona Regina Gomes. “Está sendo melhor do que a gente esperava”.

Ainda sobre a ciência

O desenvolvimento da matemática, acompanhado de uma nova concepção sobre o mundo físico, exerceu influência decisiva para o surgimento da ciência moderna. Em parte, isso pode ser ilustrado com as diferenças entre a doutrina aristotélica das quatro causas e a nova causalidade científica. No sistema de Aristóteles nada é fortuito, mas efeito de causas hierarquizadas e anteriormente determinadas. Isso pode ser ilustrado da seguinte maneira: imaginemos um carpinteiro empenhado em criar uma cadeira. É preciso, antes de tudo, que ele a conceba mentalmente. Logo depois, é necessário que reúna os materiais indispensáveis à fabricação. O objeto também deve encerrar alguma finalidade própria à sua essência ou à ideia de cadeira.

Para a ação ou pessoa que imagina e molda a matéria damos o nome de causa eficiente. Os materiais manipulados chamamos de causa material. A forma adquirida pela matéria, de causa formal. Por último, a finalidade ou essência do objeto que é servir de assento recebe o nome de causa final. Essa é uma concepção teleológica, pois as ações são determinadas por sua finalidade. As quatro causas podem ser livremente aplicadas, seja ao mundo das relações humanas ou físicas. Todas as coisas existiriam assim com alguma finalidade específica, anterior à existência material.

No terreno da causalidade científica é bem diferente. Consideremos o caso do biólogo evolucionista. Certamente ele não está preocupado em responder “o porquê” da evolução da vida na Terra. Enquanto trabalhar com bases científicas, o seu esforço é descobrir os aspectos funcionais do mecanismo evolutivo. Mais nada. A questão do “por quê?” em ciência foi substituída por “como?”. Se as análises o levam à conclusão de que o animal humano é mais complexo que um peixe, não será por meio de critérios morais, mas apenas por constatar que o corpo humano necessita de mais elementos para existir: O oposto seria pouco provável. A ictiologia mostra que os peixes detêm todas as ferramentas necessárias para a vida aquática, que nesse ambiente batem em destreza e adaptação qualquer *homo sapiens*. Até um campeão olímpico de natação.

O mesmo acontece quando cientistas sociais falam de sociedades mais complexas que outras. Eles não procuram elaborar seus conceitos em termos de melhor ou pior – a menos que falem politicamente, deixando de lado a ciência. Evolução para os cientistas significa coisa bem diferente do que preconizaram filósofos, moralistas, políticos e religiosos; predominam características quantitativas e a abstinência de pronunciamentos ético-morais. Às vezes, a metafísica é apresentada como ciência. As doutrinas

de filósofos evolucionistas como Spencer e Comte são modelos de como é possível exceder os limites próprios da ciência. Ambos asseguravam um tipo de finalidade inerente aos processos evolucionários que estava além das evidências empíricas. Comte elaborou uma filosofia da ciência, o positivismo, que nada mais é que a metafísica da não metafísica.

O conceito de evolução tem o progresso como correlato na História. Hegel, por exemplo, atribuía teleologicamente ao Estado alemão a encarnação da ideia Absoluta – exteriorizando seus sentimentos patrióticos e megalomaniacos. Conceber a natureza e a história livre de determinismo transcendental, amoralizada, é condição fundamental para a atividade científica.

O pensamento científico destruiu parte considerável da importância atribuída ao homem pelos antigos diante do universo. Foi-se o tempo em que ele esteve intocável. O universo que parecia criado com o propósito exclusivo de abrigá-lo, como queria a religião, e tão bem confirmava o sistema de Ptolomeu, hoje possui dimensões assombrosas. *A Divina Comédia*, de Dante, é o perfeito retrato literário dessa época. A física quântica, a fotografia do mundo atual. Como indicam os recentes estudos astronômicos, o universo em que vivemos não deve ser o único. Se a Segunda Lei da Termodinâmica estiver correta, o Sol esfriará impossibilitando a vida no planeta, tal qual a conhecemos. A Terra já não é o centro de tudo, nem tampouco gravitam ao seu redor os planetas e o sol. Deus não está mais a nos vigiar. Perderam-se no passado as razões suficientes. Assaltaram a Providência e o Desígnio.

Habitualmente, o que se espera dos cientistas são descrições acuradas da realidade e algumas sugestões para problemas práticos como curas de doenças, quase sempre derivadas da aplicação técnica. Quando se trata da matéria inanimada não podemos contar com o assentimento da natureza. Ninguém conversa com uma árvore para discutir sobre desmatamento, a menos que seja louco. Já no mundo social a última palavra será sempre decisão política.

Mesmo longe de a ciência definir o sentido último das coisas e do mundo, ela também se utiliza de princípios que não consegue provar através de seus métodos. Max Weber, que no último mês completou 100 anos de sua morte, dizia que não existe ciência sem pressupostos; qualquer trabalho científico lançaria mão da lógica e da metodologia como princípios válidos. A pressuposição que seus conhecimentos são, em si, importantes e merecedores de nossa atenção, não conseguiria dispor de provas científicas. Desse modo, somos obrigados a aceitar tais pressupostos como condição para a ciência.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

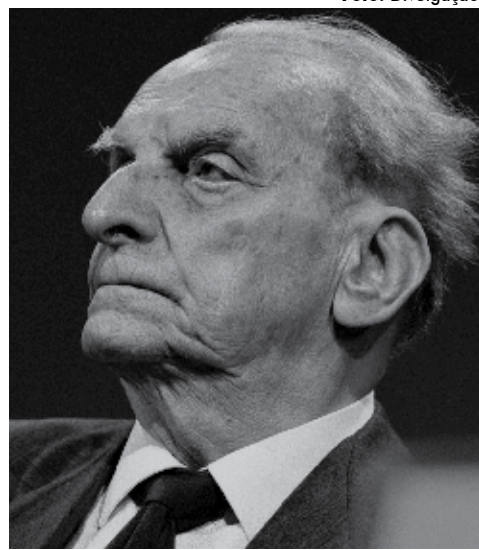
klebmaux@gmail.com | colaborador

Autoritarismo e destruição

Como o ódio se desenvolve em um indivíduo e se banaliza às formas mais extremas de violência? As consequências dos relacionamentos dissociativos é a destruição do afeto, isso destrói a beleza da existência humana no sentido de construir a unidade na diversidade. O ódio impõe a voz da loucura como uma fonte de verdades para impedir o pertencimento do outro e destrói o que é útil a todos. O ódio se tornou o mais mortal poder de destruição e uma de suas raízes está no autoritarismo, ele se impõe através do medo, do adoecimento psíquico, da amputação dos sentimentos construídos na identidade do passado, e no mais profundo vazio da tristeza humana. Todo autoritário é um sedutor. Ele é capaz de induzir cidadãos a banalizar o sentido da existência e a própria morte.

O filósofo, historiador italiano Norberto Bobbio (1909-2004) apresentou a tese de que o autoritarismo apresenta vários contextos de um sistema político, e de comportamentos psicológicos e ideologias. Tem como característica o exercício do poder por parte de uma só pessoa ou de um grupo, de forma a extinguir instituições e se manifesta em várias formas de destruições. O autoritarismo se mantém na ordem e hierarquia. A ordem firma a coesão social, e o mecanismo para a ordenação está numa rígida hierarquia. Uma característica desse regime é negar a igualdade entre os cidadãos. A desigualdade se dá através de uma obediência inquestionável.

Diante dos conflitos da vida, o escritor, filósofo e jornalista russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881), nos ensinou que “a beleza salvará o mundo”. Dostoiévski, em seus livros, descreveu cidadãos destrutivos e outros que se anulam nos próprios sofrimentos. A sensibilidade de Dostoiévski permitiu encontrar, nos seus personagens perversos, uma mínima dignidade humana. Para ele, o belo é o espírito útil; e a beleza possui uma ética para com o bem a si mesmo e ao outro. É através dessa beleza útil que todos se



Filósofo e historiador italiano Norberto Bobbio

tornam irmãos entre si. Dostoiévski não se refere ao amor ao próximo; a contrário, a beleza suscita o amor e nos faz ver no outro um próximo a respeitar. No contexto de ‘A beleza salvará o mundo’, leiamos este poema de Cecília Meireles (1901-1964), *A Arte de Ser Feliz*:

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na ponta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? Quem as comprava? Em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? E que mãos as tinham criado? E que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma

mulher, cercada de crianças. E contava história. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que ouvisse, não entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu que não participava do auditório, imaginava os assuntos e suas peripécias e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos: que sempre parecem personagens de Lope da Vega. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outras dizem que essas coisas só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado para a audição do 278 Domingo Sinfônico, deste dia 2, das 22h às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o compositor e peças de Astor Piazzolla (1921-1992).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Eu sou um desenho

Não sei por que adoro o nome Judy. Gosto de nomes curtos, por isso uso Kubi no Instagram e, ultimamente só o K, somente. Outro dia lembrei de Judy Garland, que foi encontrada morta em junho de 1969. Têm pessoas que não morrem nunca. A artista parecia viva em constante estado de cena. O filme *Judy: Por trás do Arco-Íris* (2019), de Rupert Goold, mostra isso, além da dor. A preocupação com a imagem de seu desenho físico perturbou Garland para o resto de sua vida. Assim acontece com muita gente.

A vida não é um desenho. A gente, sim. Passamos pelos filmes, pelas esquinas, conhecemos pessoas, bares, nos apaixonamos por alguém, confiamos, nos entregamos, depois a gente odeia tal situação, porque muitos nos enganam. E outros, querem mandar na gente.

A gente sai de si, surta, pede silêncio, pede paz. A gente quer paz pra trabalhar, como está na canção ‘Baião da Penha’, de Guio De Moraes e David Nasser, sucesso na voz de Luiz Gonzaga. A gente empresta livros, nunca como uma colher de açúcar. A gente vai shows, se diverte e depois percebemos que queremos mais. Acho que queremos demais...

A gente vai ao médico e conversa com ele e com a receita na mão, já percebemos melhoras. Só em conversar a gente fica bem. A gente cai e levanta. Mas a alma lavada na poeira dos dias, não tem a ver com o levantar sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Como tal vou passeando, olhando de lado, às vezes seguro na parede com as luzes na penumbra. É a idade. O medo de tropeçar, a mordida do cão, o arranhão do gato e os sapatos mofando, as camisas idem, até o paletó que não enlaça mais o vestido da noiva. Mas ainda não é o fim.

Revelando rabiscos, em torno da nossa nudez em exposição, da nossa vergonha na cara, das mentiras esfarrapadas, da cena de ciúme que não existe mais, da vontade de sair sozinho, ir ao cinema, tomar um conhaque e comer um bolo de bacia (aquele que vem envolto num papel), já que a seda azul do papel que envolvia a maçã não existe mais.

Espero que todos os desenhos um dia se materializem. Até lá os modos possíveis de comunicação funcionarão para estarmos todos em rede e tirarmos o melhor partido da prática da boa ação, para não para ofender os teóricos.

Nada melhor de que partilhar, mas poucos fazem. Tanta gente agarrada ao dinheiro, um pedaço de papel. Tanta gente perdendo a cabeça por besteira ou por não aguentar o tédio. Você soube quem está com covid? Você soube que a doutora Margorety Silvestre se separou? Afinal, quem é o próximo? Inutilidades, bobagens.

A vida não é um desenho. Nós é que somos desenhos, garranchos e pinturas. Nós que envelhecemos, o desenho não. Toda vez que vejo *A Rosa Purpura do Cairo*, de Woody Allen, fico com vontade de entrar no filme e continuar o papel de Mia Farrow.

Interessa-me mostrar o desenho do meu rosto, num contexto a gosto de carne e osso, de quem procura tri-lhas e não hipóteses, onde se evidenciam descobertas. Meus esboços não ilustram nada, são meus. O desenho nesse campo de batalha, sou o operativo da palavra. Não preciso dizer que sou bom. Que seja. O construtivo da obra palavra, de quem, como o Fernando Pessoa, afirmou: “Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido”.

Pra nenhum entendedor, meia palavra basta. Pessoas que estão saindo de casa para beber porque são viciadas, agoniadas e reclamam dos que continuam entocados. Quer sair, saia, quer ficar, fique. Até domingo!

Kapetadas

- 1 - O vizinho negacionista mora ao lado #filmes-dapandemia;
- 2 - Saudade de contestar a comanda, né D. Barrozal?
- 3 - Som na caixa: “Domingo é o fino-da-bossa / Segunda-feira está na fossa / Terça-feira vai à roça, Porém”, Caetano Veloso.



Personagem de uma tela de Flávio Tavares, de 1988

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema e aspirações na utopia de um fotógrafo

Advinda inicialmente como uma forma de arte imageticamente estática, em finais do século 19, a fotografia ganha mobilidade com o cinema. Irrefutável é a relação entre esses dois meios visuais. E poderíamos até usar de uma metáfora, assegurando tratar-se de uma coisa meio “xifópaga”. Quero dizer, como sendo almas gêmeas, siamesas, mais para o cinema, desde o seu glorioso início “mudo” e em preto e branco.

A esses segmentos visórios – fotografia e cinema – há quem tenha se dedicado de corpo e alma, não apenas como um exercício cotidiano, mas ao seu culto, numa espécie de veneração. Assim foi e continua sendo o caso de um amigo e conterrâneo, que herdou também do pai – o conhecido fotógrafo Antonio Viégas –, o mister profissional sobre um dos mais ricos labores, quer seja na retratação de pessoas, lugares ou fatos.

O também fotógrafo Alberto Viégas (ou, simplesmente, “Beto” para os amigos) tenta reverberar em suas imagens, os sonhos ancestrais de quem fotografou, com alma e paixão, a cidade em que viveu por longos anos. Para isso, criando hoje o blog *Santa Rita e o Tempo dos Bons Tempos*, titulação extraída do livro de meu primo Reginaldo Antonio de Oliveira, escritor e ex-juiz de direito, falecido recentemente.

Quando garoto, *habitué* de um de nossos cinemas, na mesma rua em que seu pai sempre teve um estúdio de fotografia, Beto se empolgava junto à molecada com os bang-bangs e seria-



Foto: Acervo Pessoal

Fotógrafo e cinéfilo de Santa Rita, Alberto Viégas, mostra o seu acervo relacionado à Sétima Arte

dos que exibíamos. Sempre fazia parte das salas cheias de garotos da sua idade. Isso, lá pelos idos dos anos 1960.

Lembro bem, de quando do meu retorno de Brasília, após dois anos na UnB cursando mestrado, e reassumindo meu departamento na Universidade Federal, em que dava aulas durante o dia, fui convidado pela Asper/Unip de São Paulo para ministrar aula de Fotografia, à noite, no curso de Publicidade e Propaganda. Lá, dispunha de um bem equipado estúdio de fotografia, mas o laboratorista responsável havia deixado um dos turnos da faculdade.

Solicitado pela direção da Asper, busquei uma pessoa com capacidade para assumir aquele turno vago, justamente o que coincidia com as minhas

aulas. Foi então que pensei em Beto Viégas, que dispunha das possibilidades desejadas. Fiz-lhe o convite, alegando que desejava ter um profissional com experiência bastante para o cargo. De princípio, senti a sua curiosidade e interesse, relutando em seguida, sob alegação das responsabilidades com seu estúdio fotográfico em Santa Rita. Recusa que compreendi muito bem...

Hoje sei que, não só o seu estúdio fotográfico, à Rua São João daquela cidade, expõe um visual iconográfico relacionado ao cinema, mas sua própria residência, onde guarda relíquias e utensílios de duas artes que continuam maravilhando pessoas do mundo todo. – Mais “coisas de cinema”, em nosso blog: www.alex santos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

A sagração da poesia

Kalliane Amorim, poeta norte-rio-grandense, enlaça um voo poético para contemplar as múltiplas paisagens do amor. O conjunto de seus poemas, reunidos sob o título de *Peregrina* (Mossoró: Sarau das Letras, 2020), na sua diversidade de técnica e forma, de metro e ritmo, mantém, no entanto, a unidade substancial do tema, do tom e da perspectiva.

A epígrafe introdutória é de Tagore, e as outras, capitulando cada poema, são extraídas do texto bíblico, a partir de suas ressonâncias líricas, místicas e filosóficas. Vê-se, portanto, que a poesia de Kalliane Amorim, em que pese a singularidade de sua mensagem espiritual, constitui uma via dialógica, direta e indireta, com a densidade semântica e com os sinais sagrados que se cristalizam nas páginas da Bíblia.

Mas não diria que esta poesia é uma poesia religiosa, na medida em que a poesia religiosa, como qualquer poesia que se submeta à restrição dos adjetivos, termina por sucumbir aos apelos didáticos e doutrinários, aos vetores do conhecimento e da reflexão, em detrimento da chamada função poética da linguagem. Em muitos desses casos, a poesia se resume ao limite do pensamento, sem abrir qualquer espaço verbal para o sopro emotivo e para os ventos da imaginação. Quase sempre o conceito prevalece sobre a imagem, e a lógica, sobre a intuição.

Amorim não comete este equívoco, e, mesmo que postule um ideal cristão centrado numa sabedoria espiritual que se enraíza nos evangelhos, faz de sua poesia, ou melhor, de seus poemas, uma espécie de eucaristia com as palavras, explorando-as esteticamente em seus níveis sintáticos, fonéticos, semânticos e pragmáticos.

Se pesa o ideário que move os pensamentos e as emoções, isto é, o “quê” do texto, pesa sobretudo a harmonia rítmica entre os vocábulos, a musicalidade, enfim, a forma, o “como”. Diria: existe aqui uma espécie de sagração da poesia!

“Há abismos de silêncio dentro de minha alma”, eis o primeiro verso do primeiro poema, como que sinalizando para os variados itinerários que o eu poético vai percorrer nessa decisiva peregrinação. Peregrinação que é da alma, que é do ser, que é da palavra, que é da linguagem. O fecho do poema me parece uma profissão de fé, quer no sentido místico, quer no sentido poético. Vejamos: “Não são as dores que me lembram / que temos um ao outro. / Não. / É porque vens sem que eu te chame, / é porque me surpreendes / como um sol ao meio-dia, / inundando-me de cores, / de acordes, de poesia. / É por isto que te amo, / e amo porque só creio / num amor que principia / à beira de um precipício, / voando sobre um abismo / de silêncio e nostalgia”.

O silêncio, o amor, o sagrado, o corpo, a vida e tantos outros motivos de ordem cristã, de conotação espiritual, de valor ontológico, são capturados pelo olhar poético de Kalliane Amorim, num tom em que leveza e suavidade se mesclam para tecer a melodia dos poemas, e numa perspectiva em a que a energia divina se deixa revelar na humildade de todas as coisas e na convicção de que “Somente abraçando o silêncio verás, / no espelho do Amor, tua alma florir”, ou, em outro momento, porque se sabe “Sim, há algo de sagrado / nesse corpo (...) Sim, há algo de divino / enlevo nessa carne, / tão pobre, a palpitar / por um átomo de eternidade”. E sabe-se mais. Sabe-se: (...) “teu corpo, sem fronteiras, / aos moldes do infinito”.

O monge beneditino Manoel Vieira Guimarães, que assina o prefácio da obra, observa ecos das vozes de Santa Teresa d’Ávila e de São João da Cruz na poética de Kalliane Amorim. Por outro lado, Lília Souza, na orelha, detecta a presença de Deus na escrita dos seus versos. Ambos têm razão. O êxtase flagrado na expressão dos santos se associa ao entusiasmo desta poesia peregrina.

E por que peregrina?

Porque peregrinar é viajar para os lugares santos, diz a etimologia da palavra. A procura de Deus e do amor de Deus, motivo sagrado dessa viagem, também se espalha pelos lugares infinitos do poema. Penso a poesia como uma forma sagrada de peregrinação. Um movimento secreto da espiritualidade, uma “metafísica instantânea”, como quer Bachelard; um carimbo da dignidade das coisas, um transporte para a eternidade.

Vejo isto nos versos de Kalliane Amorim. Sinto, neles, essa sede do infinito, essa força divina ordenando, com amor, a delicada matéria da vida. Em *Outonos* (2003), *Exercício de Silêncio* (2007) e em *Relicário* (2015), seus livros anteriores, já se anunciava, de certa maneira, as marcas desse programa lírico comprometido com a significação do essencial, com o valor das coisas permanentes.

Colunista colaborador



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) - Cadeira 17, Patrono: Ednaldo do Egypto (Ocupante: poeta Jomar Souto). Ednaldo do Egypto, ator e dramaturgo, foi autor de livros e artigos sobre o teatro paraibano. Atuou em mais de 60 espetáculos ao longo da sua carreira. Ele conseguiu a façanha que poucos atores na história alcançaram: construir o seu próprio teatro no bairro de Manaíra, em João Pessoa. Atuou também nos filmes: *O Salário da Morte*, de Linduarte Noronha, *Absurdamente* e *A Greve*, de José Bezerra Filho. É considerado um dos mais importantes nomes do Teatro Paraibano de todos os tempos. Morreu no final do século passado.

Música

Ecad registra aumento de composições

A pandemia parou a indústria musical, com cancelamentos de shows e eventos, mas não parou a inspiração de quem mantém a música brasileira viva nas canções e nas obras audiovisuais.

Dono de um dos maiores bancos de dados da América Latina no segmento musical, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) constata-

o aumento no número de seus arquivos musicais neste primeiro semestre de 2020. Segundo o Escritório, as obras musicais cadastradas passaram de 12,5 milhões para mais de 13,7 milhões.

Só nos seis primeiros meses deste ano foram mais de 1,2 milhão de novas músicas no cadastro. Em 2019, no primeiro semestre, foram cadastradas

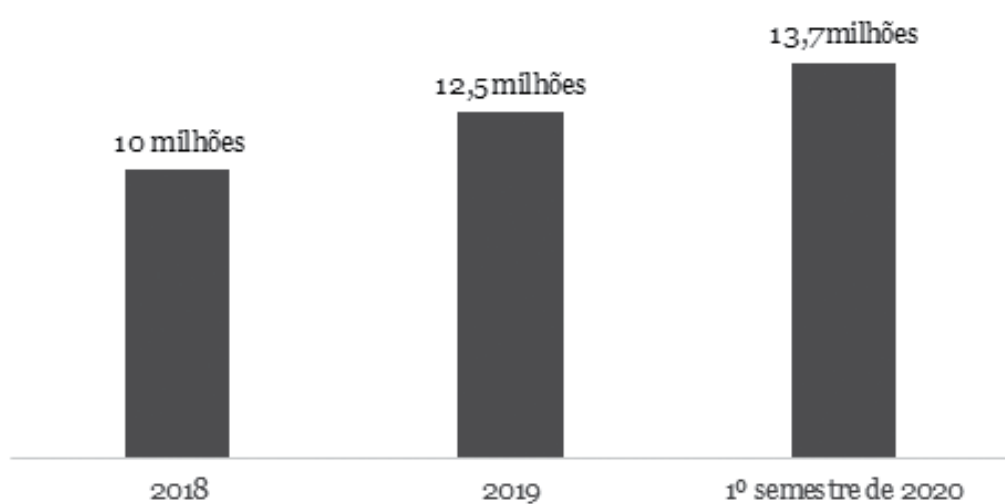
um pouco mais de 965 mil novas canções.

Outro segmento que também apresentou um crescimento este ano foi o de obras audiovisuais. O Ecad constatou que o número passou de 178 mil para 189 mil, com 11 mil novas obras cadastradas nestes seis primeiros meses.

A produção musical no Brasil vem apresentando um crescimento continua-

Fonte: Ecad

Obras musicais



Nos seis primeiros meses deste ano foram mais de 1,2 milhão de novas músicas no cadastro do Ecad

do, nos últimos anos. No ano passado, as obras musicais cadastradas no banco de dados do Ecad saltaram de 10 milhões para 12,5 milhões em comparação ao ano de 2018. Em relação às obras audiovisuais, o número de 2019 cresceu de 161 mil para 178 mil, assim como os fonogramas (gravações) que eram 8 milhões em 2018 passaram a ser 9 milhões no ano passado.

O Ecad também divulgou a distribuição em direitos autorais realizada no primeiro semestre. Foram contemplados 218 mil compositores, artistas, músicos, produtores fonográficos, editores e associações de músicas. Nos seis primeiros meses do ano, o Ecad arrecadou R\$ 436 milhões e distribuiu R\$ 497 milhões em direitos autorais de execução pública de música.

Esse valor representa R\$ 34 milhões a mais em relação ao distribuído no mesmo período de 2019, mas vale ressaltar que ainda não contabiliza os impactos da pandemia.

Fotos: Arquivo pessoal



Acácio Filho jogou diversas temporadas pelo handebol espanhol, sempre com destaque, e agora se transferiu para o Al-Arabi, o campeão asiático do Catar

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Ser um dos maiores jogadores de handebol do Brasil e anos depois ver o seu sonho dentro desse esporte ser carregado pelo seu filho mais novo é uma alegria indescritível para Acácio Marques Moreira, atleta que, na década de 1980, espalhou o nome da Paraíba pelo Brasil e pelo mundo. Como reconhecimento máximo desse mérito, ele carrega até hoje o apelido de Pelé com a bola nas mãos, uma alcunha atribuída para um talento inigualável, mas que foi interrompido aos 29 anos. No entanto, “sonhos não envelhecem” e hoje, o talento que corre no sangue da família Moreira é representado por outro Acácio, o filho.

Depois de ter feito história jogando no Sul do país e por 15 anos servindo a Seleção Brasileira, Acácio chegou muito próximo de realizar o sonho de jogar em uma das ligas mais fortes do mundo, a espanhola. Porém, quando a chance surgiu ele se depa-rou com uma escolha: sua carreira de atleta no exterior ou retornar para João Pessoa e acompanhar o nascimento de sua primeira filha.

“No final dos anos 1980 recebi um convite para jogar na Espanha, mas não pude ir por conta da gravidez da minha esposa. Naquele tempo não havia a facilidade de hoje para que pudéssemos ir juntos para lá. Felizmente, a vida apresentou a oportunidade de um dos meus filhos, por coincidência aquele que

carrega o mesmo nome que eu, fazer um caminho dentro desse esporte e levar esse sonho em diante”, comentou Acácio Moreira.

Hoje, aos 26 anos, Acácio Filho carrega o sonho do pai por onde vai e ele tem ido cada vez mais longe no mundo do handebol. Principal atleta de sua geração na Paraíba, ele saiu do Estado após brilhar no nível escolar. Foi para São Paulo e jogou na Metodista e no São Bernardo antes de partir para a Europa, onde foi jogar pelo Ademar León, a Liga Espanhola, encerrando assim o hiato na história iniciada pelo pai décadas antes.

“Acácio é um garoto jovem e promissor, que está rodando o mundo, representando também a Seleção e isso alegra demais o meu coração, pois ele está vestindo esse sonho e conquistando aquilo que eu não pude alcançar. Para mim ter ele crescendo dessa forma é motivo de muita realização”, comentou Acácio, o pai.

Herdeiro dessa trajetória de vitórias e conquistas, “Acacinho”, como ficou conhecido no handebol paraibano, agora vive um novo desafio, conquistar o mundo árabe, vestindo a camisa do atual campeão asiático, o Al-Arabi do Catar. Um novo objetivo para um novo tempo, mas o mesmo sonho nas mãos. Sobre esse momento no mundo árabe, sua carreira e o legado que carrega, conversamos com o Acácio Filho na entrevista que você confere nessa edição.

ACÁCIO FILHO

Paraibano leva tradição, talento e amor pelo handebol para o Catar

A ENTREVISTA



Acácio se inspirou no pai, um dos grandes jogadores

Desde o princípio da sua carreira você teve que conviver com os olhares atentos e cheios de expectativas pelo seu talento e por carregar no nome e sangue, a história do seu pai. Qual o impacto desse fator na sua formação como atleta?

Eu comecei tarde, pois antes tinha feito futsal e judô, naquele tempo, eu sabia que meu pai tinha jogado handebol, mas não no nível que ele jogou e nem o que ele representava, com direito ao título de Pelé do handebol nos anos 1980. Só quando comecei a jogar handebol foi que comecei a compreender isso e sempre que entrava em quadra surgiam comentários, mas eu sempre lidei bem com isso. Na realidade, eu achava positivo ter um pai que se destacou no mesmo esporte que eu queria competir. Depois, quando ele percebeu que eu tinha esse sonho de me tornar jogador, meu pai me ajudou bastante com dicas e apoio. Então, no geral, acho que isso foi bom para mim.

Na Paraíba você iniciou sua trajetória em disputas no nível escolar, até chamar a atenção jogando os Jogos Escolares Brasileiros -JEBs- e com isso ir jogar na Metodista-SP. Qual a importância dessa formação no estado para a sua carreira?

Comecei no Meta com o professor Ricardo e jogava os Jogos Escolares da Paraíba, mas sempre esbarrávamos no Instituto Rio Branco (IRB) que era o grande time aqui do Estado. Foram dois anos pelo Meta até que eu recebi o convite e uma bolsa escolar e fui para o IRB, onde treinei com os professores Zé e Chico. Foi nesse período onde realmente me abriram as portas em termos de competições nacionais. Vencemos os escolares no Estado nos anos seguintes e pude disputar os JEBs

três vezes. Nesse tempo também joguei pelo COPM e o Brasileiro pela Paraíba no nível cadete e no juvenil. Esse período foi fundamental para que eu realmente tomasse gosto pelo esporte e decidisse que era o caminho que eu queria trilhar.

Além do seu pai, outros atletas como Botto, Marcelão, Isac, José Hugo, Denilson, Ricardo Brindeiro e Chico Massinha fazem parte da história do handebol paraibano, caminho que seguiu sendo trilhado por atletas como Aline Pará e a campeã mundial Mayssa Pessoa. Como você avalia esse quadro e o que falta para que mais talentos como o seu possam construir carreiras profissionais nesse esporte?

A Paraíba tem grandes atletas de handebol. Para mim, a maior que tivemos e temos é a Mayssa que foi campeã mundial e também da Champions League na Europa, o campeonato mais importante de clubes no mundo. Até hoje, para sair da Paraíba você precisa ir para São Paulo, jogar por um bom clube e ter boa estrutura, um caminho que é muito difícil e requer bastante esforço. Para mim, no começo foi complicado, pois você não é bem remunerado e conta basicamente com a estrutura do próprio time. Eu consegui perseverar e fui apostando que, em longo prazo, eu conseguiria evoluir e felizmente as coisas foram dando certo.

Como você enxerga o cenário do handebol brasileiro em relação ao resto do mundo, considerando que esse é um dos esportes com mais praticantes no país?

O Brasil, internacionalmente no feminino, está em um nível superior, mas no masculino também sempre existe um bom desempenho em nível mundial, mas falta ainda entre os homens uma maior presença de jogadores em boas ligas e clubes. Hoje temos muito mais atletas saindo do que nos últimos anos e esse acaba sendo o único caminho para evoluir no esporte porque no nosso país a situação é complicada. A liga nacional nunca conta com uma data precisa e nem há regularidade da competição, falta estrutura para os clubes e, com isso, fica ruim para as equipes e os jogadores viverem do handebol no Brasil. Essa é a realidade, temos o esporte maior praticado nas escolas do país, uma modalidade que todo mundo gosta, mas a Confederação não está à altura dos jogadores e isso não é de hoje, infelizmente é um problema crônico que atrapalha o desenvolvimento do handebol.



No Ademar León, Acácio disputou a Champions League

Na sua carreira profissional, você passou por clubes importantes no Brasil, depois foi para a Espanha onde foi vice-campeão jogando em uma das maiores ligas do mundo e pôde disputar a Champions League europeia, além de boas passagens pela Seleção Brasileira. Hoje, você está vivendo um novo desafio após cinco boas temporadas pelo Ademar León. Como você avalia sua trajetória e quais os principais marcos dela?

Fui aproveitando as oportunidades que tive, comecei na Metodista que é um grande clube do país e depois passei pelo São Bernardo para, com a indicação do Jordi Ribera, que era o técnico da Seleção Brasileira, ir jogar no Ademar León. Lá passei cinco temporadas e tive a chance de jogar a Champions League e ser o artilheiro da equipe na competição. Agora saí para o Catar, mas sei que deixei as portas abertas caso queira retornar. Quanto ao novo desafio, é uma aventura, o clube é muito bom, ótima estrutura e já é o campeão da Ásia. A vinda para cá está diretamente ligada ao convite do técnico Rafael Guijosa - melhor jogador do mundo em 1999 - que foi meu treinador em quatro temporadas na Espanha. Por ser um treinador que eu já conheço e que confia em mim ele fez o contato e depois o presidente do clube me ligou diretamente para fazer a proposta e então eu topei e estou bastante empolgado com esse desafio aqui em Doha.

2020 acabou sendo um ano conturbado para os esportes em geral diante da Pandemia da Covid-19. Quando a pandemia foi anunciada, você ainda estava na Espanha. De que modo você lidou com a situação e como você está para esse retorno das atividades?

Eu estava na Espanha quando começou a quarentena e lá realmente houve a proibição

de circulação. Só se podia sair para ir ao mercado e ainda assim a polícia parava na ida e na volta você tinha que mostrar as compras e a nota do mercado. Ao todo foram 75 dias assim, não foi fácil, mas conseguimos superar essa fase. Aqui no Catar, o funcionamento é através de um aplicativo que você tem que apresentar em todos os lugares que chega, nela indica se você pode ou não circular. Aqui todo mundo faz o teste uma vez por semana, nós fazemos no próprio clube para evitar os hospitais. Caso você seja detectado, você fica impedido de sair de casa, no meu caso, o hotel onde estou hospedado.

Você passou por todas as categorias da Seleção Brasileira, inclusive na principal, mas nos últimos anos você acabou ficando de fora das convocatórias, mesmo tendo feito boas temporadas na Espanha. Nesse momento conturbado para o handebol brasileiro, você sente que merece mais oportunidades para quem sabe disputar a olimpíada no próximo ano?

Na Seleção eu tenho estado desde as categorias de base e já participei de várias competições. No adulto joguei o Sul-Americano e estava cotado para jogar o último mundial, mas o técnico fez uma opção por não levar mais jogadores que estavam atuando no Brasil e esse mesmo grupo foi para o Pan-Americano do ano passado e foi eliminado nas semifinais pelo Chile, algo inédito. Felizmente com a nona colocação no mundial o país conseguiu a vaga no pré-olímpico e agora vamos ver o que vai acontecer. Minha vontade é voltar para a Seleção, competir pelo meu país, mas está tudo muito incerto, não foi definido ainda quem será o técnico, espero ter novas oportunidades, mais só o tempo é que vai dizer.



Sonho de Acácio é voltar a integrar a seleção brasileira

A crise climática na Terra e a corrida contra o tempo

Altos níveis de poluição, que já matam sete milhões todos os anos, podem provocar futuro lockdown mundial

Alexsandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Não são poucos os alertas dos cientistas e das organizações mundiais sobre a forma predadora em que o ser humano está explorando e tratando os recursos naturais. Para se ter ideia, 41 bilhões de toneladas de CO₂ (dióxido de carbono) são emitidas no mundo anualmente. Enquanto líderes mundiais ignoram as ações antrópicas (causadas pelo homem) na destruição da natureza, estudiosos dão um importante recado: a Terra tem até o final de 2020 para evitar uma drástica crise climática.

A projeção, que chega em tom de ultimato, é da Agência Internacional de Energia, em inglês International Energy Agency (IEA). Segundo a Agência, essa crise poderia resultar em um futuro lockdown, causado pelos altos níveis de poluição atmosférica, que já mata 7 milhões de pessoas todo ano. O diretor da IEA, Fatih Birol, explicou, em uma declaração na imprensa, porque 2020 é um ano decisivo. “Este ano, é o último que temos para agir se não quisermos ver uma crise”. E complementou: “Os próximos três anos vão determinar o curso dos próximos 30”.

O geógrafo Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirmou que o alerta sobre 2020 está previsto nas Metas de Aichi para a Biodiversidade, objetivos de médio prazo constituído por 20 proposições. Estas metas, estabelecidas em 2014 durante a 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP-10), realizada na Província de Aichi, no Japão, fazem parte do Plano Estratégico de Biodiversidade para o período de 2011 a 2020.

O objetivo é deter a perda da biodiversidade em âmbito mundial. Mais de 190 países,

incluindo o Brasil, se comprometeram a trabalhar juntos para implementar as 20 metas ecologicamente corretas, e o prazo final para a construção desses programas é 2020.

Essas ações envolvem, de um modo geral, a participação do poder público e privado na elaboração de planos que garantam o consumo e a produção sustentável, respeitando a natureza e evitando qualquer impacto negativo sobre o meio ambiente. Entre as práticas, estão a redução da poluição na atmosfera, manejo sustentável de animais e plantas, conservação de áreas terrestres e de águas continentais e a proteção de espécies ameaçadas.

Segundo Rogério Ferreira, organismos da Organização das Nações Unidas (ONU), como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), também já detectaram diversos problemas de desequilíbrio no planeta e a necessidade de um planejamento para evitá-los.

O geógrafo ressalta que chegamos a um tal nível de desordem na relação produção X consumo, que há mais pessoas na Terra do que o estoque de comida disponível. “Temos ainda questões como os desastres naturais e ações antrópicas como desmatamento, erosão, desertificação, agrotóxicos e a poluição do ar, que estão acabando com as terras férteis ou aráveis e os locais para reprodução dos peixes”, afirmou o geógrafo.

“Agora, em 2020, precisamos construir políticas urgentes e de última hora, para rever todo este processo, visto que levamos, no mínimo, 10 anos para implantar e consolidar uma política pública voltada a programas ambientais”, completou Ferreira.

Continua na página 14



Foto: Divulgação

A Agência Internacional de Energia avisa que 2020 é o último ano “para agir”, pois é necessária uma década inteira para consolidar programas ambientais

CONHEÇA ALGUMAS AÇÕES NÃO SUSTENTÁVEIS PRATICADAS PELO HOMEM QUE CONTRIBUEM PARA A CRISE CLIMÁTICA:

- Desmatamento de reservas florestais e aumento de queimadas ilegais;
- Desmonte e subtração das áreas de proteção ambiental marinha e continental;
- Desajustes e enfraquecimento de órgãos de controle e de fiscalização ambiental;
- Alteração e ajustes na legislação que estimulam a degradação ambiental;
- Redução de áreas verdes e das superfícies hídricas nos centros urbanos;
- Aumento da frota de veículos particulares;
- Impermeabilização do solo urbano;

Saiba Mais

A emissão global de CO₂ diminuiu 17% em abril segundo a Agência Internacional de Energia, em inglês International Energy Agency (IEA). A redução foi motivada pela pandemia de covid-19. No entanto, a pausa forçada durante o isolamento social não foi suficiente para os empresários mudarem velhos hábitos poluidores. As indústrias estão voltando com força total no pós quarentena. A IEA alerta para o aumento de 5% na emissão de dióxido de nitrogênio e de enxofre na atmosfera na retomada da produtividade.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Um martelo genial de Otacílio Batista

Escavacando coisas num quarto cheio de livros, fotos, jornais, papéis, etc., cá em Cruz das Armas, terminei refolheando a “Antologia ilustrada dos cantadores”, editada em 1982 pela Universidade Federal do Ceará.

Nela encontrei um genial martelo de Otacílio Batista (foto), do qual transcrevo trechos a seguir.

“Se houvesse uma lei que proibisse / cantadores ruins na profissão, / ficariam, cantando no sertão, / geniais repentistas sem tolice. / Se o direito dos homens me ouvisse, / para eles, eu diria esta verdade: / a poesia pertence à divindade; / é bandeira sublime tremulando; / botaria um projeto eliminando / cantadores de baixa qualidade.

“Se eu fosse o governo, acabaria / com diversos poetas ordinários, / que não passam de grandes mercenários, / maculando o valor da cantoria; / não entendem o que seja poesia, / não penetram no mundo de outros mundos... / Atrevidos do mundo dos imundos, / destruindo do belo as cousas nobres; / dá vergonha, meu Deus, a certos pobres,

/ poetaços, nojentos, vagabundos.

“Comecei a cantar muito criança, / quando ainda existia sentimento; / não havia rancor nem fingimento; / era o mundo um poema de esperança! / O respeito era firme como a lança / de um herói que não foge das batalhas. / Nesse tempo a poesia era medalhas, / projetando o tapete d'alvorada; / hoje em dia, vem sendo comandada / por cabeças de ferro dos canalhas.

“Já não pode a ciência evoluir, / quando é desprezada pelo povo; / Se a História não traz algo de novo, / a tendência do mundo é regredir. / Se o atraso na terra perseguir / os valores chamados altaneiros, / o direito de muitos brasileiros / queimar-se-á no fogo d'anarquia; / mesmo assim eu comparo a poesia / na cabeça de alguns aventureiros.

“Não há mente sadia que resista / à mensagem de certos imbecis. / Ninguém pode no mundo ser feliz, / sem trabalho, sem luta e sem conquista. / A cegueira vem sendo a negra pista / de uma raça que, nela, se perdeu; / se o exemplo do grande Galileu / é mensagem fiel dos instruídos; / ninguém deve zombar dos escolhidos / nem tomar o lugar que Deus lhes deu!

“Não existe maldade sem paixão; /

não há honra no peito de um covarde, / nem criatura sadia / belas quadras saudosas da ilusão / Não há forte, na Terra, sem razão, / nem há terra ruim que dê bons frutos; / não se pode dar chance a certos brutos, / nem aos porcos, jogar pérola tão nobre, / nem poeta que cante com esse pobre, / pra não dar-lhe uma surra em três minutos!

“Quando as ondas valentes do oceano / se unirem com os diques da Holanda, / quando o Papa disser que Deus não manda / no tesouro imortal do Vaticano; / quando o povo chamado lusitano / desprezar a Cabral, seu navegante, / ou se acaso chamar de ignorante / a Camões, sua alma predileta; / desse dia, o seu nome de poeta / brilhará mais que a estrela mais brilhante!”.

Nascido na cidade pernambucana de São José do Egito, em 26 de setembro de 1923, Otacílio Batista morreu em João Pessoa em 2002.

A partir de 1946, tomou parte em diversos festivais e congressos de violeiros, tendo saído vencedor em vários deles. Em 1947, no Festival de Cantadores de Fortaleza enfrentou o lendário Cego Aderaldo,



em duelo que ficou famoso. Escreveu diversos folhetos e com Francisco Linhares, a “Antologia ilustrada dos cantadores”. Gravou quatro LPs. O primeiro em 1974, em parceria com o irmão Lourival, com quem gravou no mesmo ano, “Gigantes do improviso”. No ano seguinte, gravou com os irmãos Dimas e Lourival, o disco “Verso, viola, verso”. Em 1978, gravou o LP “Monstro sagrado do improviso”, em parceria com Pedro Galdino Bandeira. Em 1978, mantinha um programa diário na Rádio Tabajara, em João Pessoa.

Em 1982, a cantora Amelinha gravou o disco “Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor”, cuja canção-título, com versos e parte da música de Otacílio, com participação de Zé Ramalho, firmou-se como um dos maiores sucessos de venda da cantora no cenário nacional.



Degradação ambiental altera equilíbrio térmico do planeta

Problemas poderão se intensificar com o acréscimo de 1,5 °C na temperatura da Terra entre 2030 a 2052

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A poluição atmosférica e outras inúmeras formas de degradação ambiental vêm alterando o equilíbrio térmico do planeta, o que gera uma verdadeira crise climática. O doutor em Geografia, Marcelo Moura, professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com especialidade em climatologia, salientou que crise climática é um estado de emergência mundial, que alerta para os problemas socioambientais e de injustiça ambiental climática gerados pelos atuais níveis de aumento na temperatura global, como o aumento de 1°C de aquecimento global, acima dos níveis pré-industriais.

Caso as atividades humanas de degradação ambiental continuem no mesmo ritmo, os problemas poderão se intensificar com o acréscimo de 1,5 °C na temperatura da Terra entre 2030 a 2052. “É, portanto, uma crise de ordem mundial, promovida pela alta instabilidade de um modelo econômico de desenvolvimento excludente, degradante e ambientalmente insustentável”, reforçou.

São várias as práticas insustentáveis cometidas pelo

homem na relação com a natureza. Entre elas, o professor Marcelo cita a instabilidade política e a fragilidade democrática frente aos problemas socioambientais; a pouca ação dos gestores, com destaque ao descumprimento ou mesmo a negação de acordos internacionais, a exemplo do Acordo de Paris.

O geógrafo Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), frisa que as mudanças no clima da Terra surgem a partir do acúmulo de CO2 (dióxido de carbono) e de outros gases formadores do efeito estufa. “Efeito este que é natural, mas que vem sendo potencializado por diversas atividades humanas”, declarou.

Neste contexto Rogério Ferreira acrescenta que se considera crise quando uma série de catástrofes naturais passam a ocorrer em um curto período. Esses eventos extremos são identificados como sendo consequência da ação humana, que antecipam fenômenos que iriam ocorrer, provavelmente, em séculos posteriores, mas cujo processo foi acelerado pelas más práticas ambientais e pelo uso inadequado dos recursos naturais do planeta.

O geógrafo ressalta, porém, que as advertências dos estudiosos sobre a necessidade de se respeitar e preservar a natureza vêm de muito tempo. Desde 1962 – quando a precursora da consciência ambiental moderna, Rachel Carson (bióloga marinha, escritora, cientista e ecologista norte-americana), escreveu “Primavera Silenciosa”, tiveram início os estudos e avisos de especialistas sobre a relação desequilibrada entre o homem e o meio ambiente.

Segundo Rogério, a partir desta época, as pesquisas na área das ciências ambientais se multiplicaram, os organismos internacionais em defesa da natureza se ampliaram, as discussões sobre os impactos negativos ganharam as mesas de debates públicos.

“E a população foi tomando ciência e não consciência dos desastres naturais ocorridos, e o que virão a acontecer. Todos são sabedores, embora não crentes ou engajados, da necessidade apontada desde 1962 em revermos nossas posturas diante da natureza. As crises estão ganhando proporções maiores, gerando não somente milhares de mortes, mas acabando com as condições de existência dentro do planeta”, destacou Ferreira.



Foto: Arquivo pessoal

Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba

Carentes na mira da injustiça ambiental

O desequilíbrio térmico e as consequências da crise climática atingirão a humanidade, mas de forma desigual. Segundo o doutor em Geografia, Marcelo Moura, professor do Departamento de Geociências da UFPB, o impacto da degradação dos sistemas ambientais/climáticos terá força nas populações mais carentes, aumentando a injustiça. Essa injustiça será impulsionada pela deflagração de desastres ambientais catastróficos, que resultam em calamidade pública como secas, ondas de calor, inundações, tempestades, furacões, deslizamentos e aumento da desertificação.

“Esses desastres irão gerar, com mais frequência, perdas humanas; maior número de pessoas desabriga-

das; aumento da pobreza; perda de solos agricultáveis; aumento da migração populacional (refugiados do clima) e dos conflitos ambientais, por acesso à água potável e alimentação; aumento da fome e da insegurança hídrica e alimentar em regiões e nações com população mais pobre, como países da África, da Ásia e da América Latina”, afirmou Moura.

Foto: Arquivo pessoal



Marcelo Moura, do Departamento de Geociências da UFPB

Natureza já dá sinais em resposta ao desequilíbrio ecológico

Intensos ciclones no Sul do Brasil, praga de gafanhotos na América do Sul, nuvem de poeira do deserto do Saara que se desloca entre os continentes. Esses são apenas alguns sinais da natureza em resposta ao desequilíbrio ecológico do planeta. Segundo o geógrafo Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela UFPB, a vida na Terra é regulada

pelos condições atmosféricas, que atuam de forma equilibrada. “Quando isto é alterado, sem que haja tempo hábil para a condição natural de resiliência ou de adaptação gradual dos seres, o que vem de imediato é a extinção em massa”, frisou.

Rogério afirmou que o cenário de pandemias, maremotos e aquecimentos do planeta que afetam o solo, plantas e a água são sinais desse desequilíbrio.

“Dias piores com certeza virão. A natureza é, ainda hoje, imprevisível. Mas, considerando somente aquilo que já é previsível, ou seja, o aumento brusco da temperatura no planeta não suportada pela ecologia, isso já é o bastante para sabermos que temos de mudar a nossa postura urgentemente”, enfocou.

O geógrafo Marcelo Moura também concorda que, caso não haja uma mudança de atitude do

ser humano, os desastres naturais só tendem a se intensificar. “O desequilíbrio de ecossistemas marinhos e continentais agravados pela forçante do aquecimento global antropogênico poderá agravar desastres e impactos já conhecidos ou em fase de investigação”.

Ele destaca que a crise climática já bate à nossa porta, mas não é uma realidade insolúvel. Há como minimizar suas con-

sequências se houver iniciação política e engajamento da sociedade.

Moura cita o cumprimento do Acordo de Paris, com ações mais efetivas dos líderes mundiais quanto ao controle das emissões dos gases do efeito estufa; Maior controle e fiscalização das reservas florestais e das áreas de proteção ambiental, dentre outras, podem mitigar esse impacto.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Brincando com barata na quarentena

A pandemia encurralou as pessoas em casa. Cada qual, um jeito de sobreviver isolado. Notícias de gente que inventou um circo no quintal, outros rastejam nas pegadas das pernas agressivas das baratas. Isso metafóricamente. No momento inóspito e hostil da pestilência, ronda inquietante o desânimo e ansiedade. Aí, tem quem apele para o jeito inventivo. A mente perde altitude em meio ao quase pânico. Chega ao rés do chão, onde habitam os seres profissionais em sobrevivência. Um deles, a barata. Tenho horror a esses bichinhos. O terapeuta aconselhou: quer superar a fobia, precisa expor o nome da fera, persistir no enfrentamento hipotético. Daí, idealizei uma rádio, a Rádio Barata. Com outros malucos, produzimos pod cast que circula entre amigos na internet. (www.fabio Mozart.blogspot.com)

Reproduzo resumo de duas crônicas de Bento Júnior e Beto Palhano, comparsas na aventura radiofônica invertebrada caseira noturna.

Caríssima barata: eu andei estudando a barata que é marrom, da cor de barata. Toda barata tem cor de barata, pode notar. Pois as baratas têm pernas cursoriais. Para os seus

ouvintes analfabetos que não sabem o que é cursorial, o professor Bento Júnior explica que cursorial é o animal que já nasce adaptado pra correr de chinelo. As pernas da barata foram projetadas pra fugir da chinelada, e suas asas são pergaminosas. Como você, Fábio Mozart da barata, não sabe o que significa pergaminosa, eu tenho que lhe dar outra aula. Pergaminosa é a asa da barata que é frágil, uma asinha que só serve pra assustar as mulheres quando a barata tenta levantar voo. As antenas das baratas são filiformes captantes. Sabe o que quer dizer isso? Sabe nada! Filiforme é fino como um fio de cabelo, e captante é porque ela capta, recebe mensagens, fareja a energia e as ondas negativas, aí parte para o suicídio. Avança pra cima da pessoa. Toda barata é kamikaze. Sabe o que é kamikaze? Piloto japonês na segunda guerra que jogava o avião em cima do inimigo. Pois a barata tem esse instinto. Quando ela vê que não tem saída, corre pra cima do agressor. Aí, PÁ! Leva uma chinelada e se espatifa pra deixar de ser ousada e suicida. Fica aquela gosma nojenta no chão, sujando o azulejo.

E esse Fábio Mozart é um inseto sinantrópico.

Eu ainda não sei o que bexiga é um inseto sinantrópico, mas vou pesquisar e amanhã eu digo. (Bento Júnior)

“Aqui, Beto Palhano. Eu quero falar da abertura dos bares em João Pessoa. Há muita desinformação entre os clientes dos bares e os donos dos botecos. Por exemplo, o amigo Carrá, que é dono do bar do Carrá aqui no Geisel, desconfia que esse negócio de flexibilização é pra vender fiado ao cachaceiro caloteiro, aquele que bebe, pendura no prego do fiado e esquece. Flexibilização não é isso não. No bar de Orlando já botaram até uma placa: NES-TE BAR ESTÁ VALENDO O DECRETO QUE SÓ VENDO FIADO A CORNO, FELA DA PUTA E IN-SETO. Vocês da barata têm crédito nesse bar.

Outra coisa que causa problema é sobre esse decreto da Prefeitura, determinando abertura de bar que estiver em dia com o alvará de funcionamento, licença sanitária e permissão dos bombeiros. Se for assim, nenhum bar vai abrir, porque aqui no Conjunto Ernesto Geisel os bares só têm alvará de funcionamento da Universidade dos Entorpecentes e Alucinógenos, onde pontificam as cadeiras da cachaça e

da maconha, sendo que a cadeira da cachaça é obrigatória e a da maconha é opcional.

Nesse plano de contingenciamento dos estabelecimentos cachacistas, tem o tal do distanciamento social, conforme manda a Vigilância Sanitária. O sujeito embriagado não pode chegar perto do comparsa, tem que manter dois metros de distância. Ora, eu nunca bebi, mas sei que bêbado pra ser bêbado fala cuspidando na cara do outro, apertando a mão do interlocutor de minuto em minuto, que o bicho mais social do mundo é o tal do ébrio. Como é que vai fazer distanciamento social em bar? E outra coisa: a lotação do bar deve ser de 50%. O freguês vai chegando, pega a ficha e fica esperando outro bêbado sair pra ocupar o lugar dele. Não pode dar certo! Todo tomador de mel de tubiba é impaciente, e o cachacista quando começa a beber, não quer parar. Esse toque de recolher não funciona em bar também não. Abre de 12 horas e fecha de 18 horas. E a saideira? Quando bater 18 horas, inicia-se a saideira, um ritual que, quando começa, não tem fim. Bota mais uma saideira! Sai uma expulsadeira! Oxe, pode ter certeza de que depois de meia-noite ainda tem gente pedindo saideira.” (Beto Palhano)



Pandemia retirou liberdade de escolhas e limitou a vida

Impedidas de fazer ou deixar de fazer o que querem, muitas pessoas sentem-se emocionalmente fragilizadas

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Há mais de quatro meses a vida de todo mundo mudou. A forma de se relacionar com o próximo precisou ser revista, diante da recomendação de isolamento social. As pessoas tiveram que lidar com a instabilidade financeira, ansiedade, medos, entre outros problemas causados pela pandemia da covid-19. Acostumados a ter e a fazer o que quiser, quando e como quiser, a pandemia tirou possibilidades. O psicanalista Rodrigo Tavares explicou que esse foi

um dos principais fatores que afetaram o emocional da sociedade, chamado na psicologia de dissonância cognitiva.

De acordo com o especialista, o direito de não querer foi retirado da população na medida em que ela não teve mais escolha de ir ou não a determinado local ou conseguir ou não fazer algo, e essa mudança de comportamento nem sempre consegue ser bem aceita por todos. "Imagine que em certo momento você não queira ir ao shopping e tudo bem, mas ele está aberto e você sabe que se você quiser pode ir.

Essa questão da gente poder era muito confortável, nos trazia opções e nos deixava tranquilos. Ao ser eliminado esse poder, isso afeta muito o emocional da gente, porque estamos vivendo numa era em que podemos tudo o que quisermos, teoricamente".

Ir à academia na hora e dia que quiser, praias, viagens, essa era uma realidade em todo o mundo, além do consumismo excessivo, as vontades eram sempre facilmente atendidas. Isso acontecia até mesmo quando o assunto era as notícias que uma determinada pes-

soa gostaria de se informar. "Estamos vivendo uma era em que você ler o que você quer, não mais aquela coisa de assistir um jornal e passar notícias que você não gosta e você ter que assistir o jornal. 'Ah, essa matéria não corrobora com o meu pensamento, então eu vou clicar aqui em não gostei e ela não aparece mais para mim."

Baixa tolerância

Para o psicanalista, as pessoas estão em uma era de baixa tolerância à frustração, o que explica tantos conflitos políticos entre pessoas que

pensam diferente. "O diferente para eles significa inimigo e se é inimigo precisa ser aniquilado. Por isso estamos vivendo esse embate na parte da política. Se algo é contra o que eu acho correto, por mais que eu possa estar sendo até hipócrita, esse algo é do mal e logo devemos eliminar".

O negacionismo acaba sendo a solução para aquilo que não se concorda. Rodrigo Tavares comentou que muitos estão tendo a reação de negar que na pandemia os números são reais, por exemplo, por não terem mais a opção de escolher ver esse

tipo de informação. "É uma relação muito binária. Estamos vivendo em um momento agora onde as pessoas estão vendo coisas que não querem ver, alguns fingem não acreditar, são os negacionistas da pandemia. Eles continuam a agir de maneira muito irresponsável a se colocar em risco e colocar em risco várias outras pessoas. Isso é um ponto muito forte da pandemia, essa questão de você lidar com algo que você em outros momentos poderia simplesmente negar e no poder de um clique mudar a sua realidade, teoricamente".

+ Entendimento da situação evita sensação de medo

Aceitar o problema e entender a situação em que o mundo inteiro está vivendo é muito importante para

evitar até mesmo a sensação de medo. "A gente tem na psicologia um exercício de catastrofização que tentamos trabalhar com o pior cenário sobre algo. Como, por exemplo, uma pessoa que tenha medo de cobra e você vai lidar com o cenário, faz essa pessoa imaginar-se em um poço cercado de cobras e a partir daí a gente coloca as

piores situações até ir normalizando. Nesse cenário da pandemia, eu diria que é importante a gente trabalhar com esse conceito do novo normal. Entendermos que não é passageiro. Ou se for, vai demorar muito mais tempo do que gostaríamos. Entendendo isso, precisamos aceitar a realidade como ela é e como ela tem se mostrado".

Aprender a conviver de forma integral com seus familiares também não tem sido tarefa fácil durante o período de isolamento social. O número de divórcios aumentou em diversos países do mundo e aqueles que não tiveram inteligência emocional para lidar com as pessoas próximas, podem acabar entrando em conflitos. "Teve um aumento de mais de 200% em alguns países nos pedidos de divórcio. Eu acredito muito que existem questões culturais em alguns países, como China, onde as pessoas são

muito isoladas, então esse excesso de contato é algo estranho para eles. No Brasil, o que acontece é essa falta da

gente ter os pontos de escape".

O psicanalista alertou como os casais e familiares podem agir para evitar brigas e conseguir uma convivência saudável mesmo diante de uma pandemia. Segundo ele, respeitar a individualidade de cada um é essencial. "Não é porque é um casal que tem que fazer tudo junto. É o meu, o seu e o nosso. O excesso de convivência onde você às vezes vai querer ter a sua individualidade e o outro não vai conseguir perceber isso, mas lógico que dá para a gente reverter essa situação. Sabendo trabalhar uma comunicação não violenta com os nossos familiares, com o nosso parceiro ou parceira, onde você vai também ser sincero em dizer quando quer seu espaço, o outro também vai respeitar isso. Você não precisa também

sair para bar, academia, para relaxar a sua mente. São coisas que você pode fazer dentro de casa".

Começar a enxergar a sua casa como um lar onde pode fazer coisas positivas é essencial, segundo ressaltou o especialista. Essas dicas vão desde para evitar conflitos com os seus, como para evitar problemas emocionais gerados pela quarentena. "É você saber trabalhar a sua casa como um aspecto de lar para ter coisas positivas a fazer, não só ficar esperando que a pandemia passe, porque essa espera gera um desconforto muito maior em todos. É a gente começar a perceber as coisas que a gente tem e contemplá-las apreciando. Eu vou fazer um arroz, um risoto, eu vou apreciar aquela comida e curtir aquilo. Eu vou assistir um filme, não é só colocar qualquer coisa na Netflix e maratonar, eu vou sentir o que aquilo me traz".

Aprender a enxergar o ócio como algo positivo e utilizá-lo para se reinventar e encontrar novos hobbies, por exemplo, também pode ajudar a lidar com as mudanças de comportamento. "O trabalho com a arte é essencial para lidarmos com o ócio. Não que o ócio seja algo ruim, ele pode ser maravilhoso, mas precisamos aprender nesse momento a focarmos em nós mesmos".

Essa questão da gente poder era muito confortável, nos trazia opções e nos deixava tranquilos. Ao ser eliminado esse poder, isso afeta muito o emocional da gente, porque estamos vivendo numa era em que podemos tudo o que quisermos, teoricamente".

Ciência deve estar acima de posições ideológicas

Há uma linha tênue em apenas expressar uma opinião e desrespeitar o próximo. Atualmente, além da pandemia, o Brasil tem enfrentado outro grave problema, a crise política. Esquerda e direita mais uma vez têm discutido e dessa vez o assunto tem sido a ciência. Rodrigo Tavares explicou que, nesse momento de crise na saúde pública, a política deve ser deixada de lado, assim como conceitos do tipo "OMS comunista" ou "Cloroquina de direita". O especialista enfatizou que a ciência deve ser o principal foco e ponto de confiabilidade. "Por uma questão de saúde pública, a primeira coisa que as pessoas podem pensar é em ciência".

Por outro lado, como lidar com pessoas próximas que pensam tão diferente quando o assunto é política? De acordo com o psicanalista, até mesmo se afastar pode ser uma opção para proteger a sua saúde emocional. "Se há assuntos e pessoas que são mais agressivas numa discussão política e você ama essa pessoa, não necessariamente você deve se calar, mas você pode dizer:

'olha, esse tipo de assunto eu não quero abordar com você'. Se for inevitável, eu diria que se afaste de pessoas que te fazem mal. Já com outros vamos conseguir entrar em equilíbrio, vai respeitar e ser respeitado. Lembrando que ciência não é opinião, é pesquisa. Devemos nos conscientizar dos riscos".

Na opinião dele, o comportamento da sociedade pós-pandemia deve ser justamente o contrário das discussões levadas pela política, mas sim a união. "Eu acredito que essa pandemia vai nos fortalecer em muitos aspectos. A humanidade tem que se unir. Mas também essa união vem do respeito a tudo aquilo que a gente vem desmerecendo. Eu acredito que saindo disso valorizarmos mais a arte e as ciências. As ciências para salvar o corpo e a arte para salvar a mente. Por que o que seria de nós nesse período de pandemia sem muito a fazer sem a arte que a Netflix nos traz ou a arte dos bons livros ou ouvir música. O que seria da gente também se não fosse a ciência batalhando para acharmos a vacina, para curarem os doentes".

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

A Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira/ FACMA, através de sua instituidora Elizabeth F. A. Marinheiro e de acordo com anterior Ofício da Curadoria das Fundações, convoca a ex-presidente Arly Arnaud os ex-membros dos Conselhos Diretor e Curador, os sócios, beneméritos e interessados pela Cultura de Campina Grande para a eleição da NOVA DIRETORIA DA FACMA, 2020/2023, no próximo dia 08 de agosto (sábado), às nove horas, com todos os presentes; às nove e trinta, com 50% dos presentes; e às DEZ HORAS com qualquer número de presenças. De acordo com as normas do Ministério da Saúde, todos devem comparecer com as obrigatórias máscaras. A posse dos eleitos dar-se-á logo após a apuração dos votos.

Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro
Instituidora e Presidente de Honra da FACMA
Em 24/07/2020.

Máscara criada na Paraíba mata coronavírus



Experiência na UFCG aplicou quitosana no material da máscara, biomaterial que atua como bactericida, fungicida e virucida

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Pesquisadores do Laboratório de Avaliação e Desenvolvimento de Biomateriais do Nordeste (Certbio), da Universidade Federal de Campina Grande, desenvolveram uma máscara cirúrgica biodegradável, com material capaz de reter o vírus da covid-19 (SARS-CoV-2) e matá-lo. A máscara é descartável mas tem durabilidade segura de até 24 horas seguidas de uso.

O projeto "Proteção no Combate à Covid-19: Inovação no desenvolvimento de Máscara Cirúrgica" foi uma das 18 propostas selecionadas no edital lançado por meio da Fun-

dação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, no início da crise de saúde causada pela epidemia do coronavírus na Paraíba. Foi uma iniciativa emergencial do Governo do Estado da Paraíba, através da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, com o objetivo de apoiar a pesquisa científica e encontrar soluções para o problema. Os recursos totais para os projetos são exclusivamente do Governo Estadual e ganharam um aporte da Assembleia Legislativa da Paraíba. Somam R\$ 2 milhões.

Na experiência desenvolvida no Certbio foi aplicado um elemento chamado quitosana no material da máscara, um biomaterial que atua como bactericida, fungicida e agora os pesquisadores comprovaram que é um virucida. O custo final desse elemento

em cada unidade não passa de R\$ 0,10. Está escrito corretamente: dez centavos.

A quitosana é obtida de exoesqueletos (esqueleto externo) de crustáceos, insetos ou fungos. A matéria-prima usada pelo Certbio é o camarão, facilmente encontrado na costa nordestina; além disso, a Paraíba tem a maior usina de beneficiamento de camarão do Nordeste. É um elemento com potencial para o desenvolvimento econômico da região.

Ao contrário de outros materiais comumente usados em máscaras cirúrgicas, a quitosana é biodegradável. "Ao invés de 'brigarmos' com a natureza, estamos nos aliando a ela e oferecendo defesa à sociedade a partir da própria natureza", afirma o coordenador da pesquisa, professor Dr. Marcus Vinícius Lia Fook.

"Nos últimos 4 meses nós produzimos mais quitosana aqui no laboratório do que em dez anos! O ambiente ficou imunizado. Como somos da área da saúde, a equipe desse projeto, com sete integrantes, trabalha no laboratório nesses quatro meses de isolamento social sem que nenhum de nós tenha sido infectado até o momento. Nós somos o exemplo do que estamos dizendo: a quitosana tem propriedade virucida", garante Marcus Vinícius.

O cientista deixa claro que a quitosana não trata a covid-19. Ela auxilia porque não permite que o vírus passe por ela. É um bloqueio químico. A máscara, por si só, é um bloqueio físico. Com a quitosana, ganha um reforço químico.

Sem a quitosana, o vírus bate na barreira física e retorna vivo para o ambiente. Se

ele encontrar onde se fixar e tiver condições de sobreviver ali, poderá infectar alguém desavisado. Com a quitosana é diferente. Se o vírus passar perto da quitosana ele será atraído a ela e não encontrará condições de sobreviver. Morre. É exterminado. Em resumo: a quitosana tem a capacidade de capturar o vírus e não dá a ele ambiente propício para permanecer ativo.

O único ambiente de beneficiamento de casca de camarão para a produção de quitosana "grau médico" - que tem uso médico, com condições de pureza e controle de fabricação - é em Campina Grande, no Certbio. E a maior planta para produzir quitosana sem ser grau médico é no Ceará.

Além das máscaras, o Certbio desenvolveu também uma

quitosana em gel que, diferente do álcool em gel, também é virucida. Higieniza as mãos com uma ação mais prolongada sem os aspectos negativos do álcool em gel, que resseca as mãos. Pelo contrário, ele não só protege como rejuvenesce as mãos. Do ponto de vista da pesquisa, o produto está pronto e em breve deverá ser distribuído para os hospitais da Paraíba.

A população terá acesso a essa tecnologia indiretamente. Segundo Marcus Vinícius, uma empresa da Paraíba está interessada em aplicar essa tecnologia em leitos hospitalares, nas roupas de cama, nos utensílios e aparelhos, o que dará uma proteção adicional. Da mesma forma, a empresa está interessada na produção das máscaras para distribuição hospitalar, não só na Paraíba, mas em outros estados.

Pesquisador diz que país precisa produzir para garantir segurança em saúde

O coordenador do projeto, Marcus Vinícius Lia Fook, reflete sobre a pandemia e retoma o histórico dos acontecimentos no Brasil e na Paraíba com relação à dificuldade de aquisição de equipamentos de proteção para as equipes de saúde.

A maior parte desses equipamentos era importada da China por vários países; com aumento da demanda houve escassez, os preços aumentaram e muitas máscaras estavam fora das especificações.

Esse problema ocorreu, inclusive, na Paraíba. No início da implantação da quarentena, em março, o Estado importou má-

scaras para suprir os hospitais; quando o material chegou, os profissionais da saúde observaram que não era de boa qualidade. Houve uma interferência do Ministério Público do Trabalho da Paraíba com recomendação ao Governo do Estado para avaliação dessa compra; dessa forma, as máscaras foram recolhidas, enviadas para o Certbio, testadas e avaliadas.

Foi necessário a readequação de 4.500 máscaras que receberam mais camadas de proteção; um trabalho executado no próprio Certbio. A negociação do restante do material foi suspensa. Desde então, qualquer

máscara a ser usada na Paraíba passa antes por uma avaliação no Certbio.

Para Marcus Vinícius, desenvolver tecnologia e produzir no país é o que irá garantir segurança em saúde para a população: "O Brasil teve um déficit na balança comercial em 2019 superior a US\$ 12 bilhões, na área de saúde. Do ponto de vista econômico, a política cambial favoreceu esse número, com o dólar baixo, estava vantajoso comprar no exterior. Mas a pandemia mostrou que saúde é uma questão estratégica, de segurança nacional, que não pode depender de fornecedores externos."

Por volta de 2008, o Ministério da Saúde criou uma política exclusiva para incentivar o fortalecimento do complexo industrial da Saúde no Brasil. O Certbio é um desses laboratórios, sediado na Paraíba, bem como o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes/UEPB), e outros no país. "Até o momento, o Ministério da Saúde esteve mais voltado para o setor de fármacos. A partir desse ano de 2020, terá que deslocar a atenção para a área de materiais de uso em saúde. É tecnologia, transformar a pesquisa em produtos para fortalecer um sistema que é exemplar no mundo que é o Sistema Único de Saúde", avalia o pesquisador.



Marcus Vinícius Lia Fook, coordenador do projeto



Equipamento do Certbio para o teste de máscaras

Laboratório possui Acreditação do Inmetro para testes

Entre estudantes da iniciação científica, mestrados, doutorandos e pós-doutorandos, em torno de 40 pesquisadores trabalham no Certbio em projetos acadêmicos (iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado); já foram qualificados na área de saúde mais de 55 profissionais - a maioria médicos que atuam na rede pública e privada não só na Paraíba como também de Pernambuco e do Rio Grande do

Norte. Além disso, há quatro projetos em desenvolvimento com parceiros privados. São pesquisas na parte de tecido duro para osso, cimento ósseo e enchimento ósseo, que colocarão a Paraíba em uma posição de destaque na área tecnológica.

Em polímeros - no caso, a quitosana - o Certbio tem desenvolvido membranas de quitosana usadas no Hospital Universitário Alcides Carneiro, em Campina Grande para

o tratamento de úlcera diabética, auxiliando na cicatrização de feridas em diabéticos.

O laboratório é um dos três no Brasil com a Acreditação do Inmetro para a realização de testes em próteses mamárias, é um reconhecimento em âmbito internacional em eficiência das práticas de ensaio que o Certbio possui.

A máscara cirúrgica desenvolvida no Certbio com o incentivo do Governo do Estado da Paraíba é de nível

1, que protege de partículas. O projeto prevê a produção de 10 mil máscaras e distribuição nos hospitais da Paraíba. Outra classificação é a de nível dois, que protege de gotículas, também em desenvolvimento no Certbio, em parceria com a Universidade de Brasília. A máscara de nível 3 oferece proteção radiológica, em casos de fazer Raio-X, ou outros exames. Este é um projeto futuro, na lista do laboratório.

O jornalista Rafael Correia de Oliveira nasceu em Pernambuco e se radicou na Paraíba. Ele "brilhou" na imprensa do Sul do país, onde chegou a trabalhar com Assis Chateaubriand. Página 18



Arte: Tonio



"Por que me deixaram fazer tão pouco?"

Modesto, maestro Pedro Santos regia erudito e popular com mesmo apreço, e compunha para teatro e cinema

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Em pouco mais de meio século de vida, um maestro que veio do Norte do país decidiu adotar a Paraíba como morada e aqui escreveu muitos capítulos de sua história. Pelo caminho trilhado desde 1958, quando aportou na capital do Estado, o enredo de sua vida se confundiu com o da música erudita. Nas páginas desse "livro", o maestro amazonense Pedro Santos imprimiu inúmeros acordes, incontáveis notas, infinitos tons que embalarão de peças de teatro a obras renomadas do cinema nacional. Morreu em 1986, com apenas 54 anos, nocauteado por um coração que não "aguentou" tamanha paixão pela música. "Por que me deixaram fazer tão pouco?", questionou, pouco antes de partir para a eternidade.

"O legado do maestro Pedro Santos transcende sua participação na cultura paraibana, nordestina e brasileira porque foi além de sua caminhada com música, cinema e teatro. Sua formação como seminarista consolidou-lhe a consciência humanista reforçada ao trilhar os caminhos da Filosofia. Tinha pleno domínio do seu potencial individual como regente de coral ou orquestra, compositor e professor, mas também sabia se destacar no convívio coletivo", comentou o jornalista Paulo Santos, irmão de sangue do maestro. Em sua geração, pontificaram inteligências privilegiadas como Paulo Pontes, Vladimir Carvalho, Jurandy Moura, Paulo

Melo, Linduarte Noronha, Gonzaga Rodrigues, José Alberto Kaplan, Altimar Pimentel e muitos outros nomes.

"Com Pedro Santos, a música andava de braços dados com o cinema e o teatro. Não descuidava da orquestra – como a de Câmara da Paraíba – e o coral Madrigal. Fez inúmeras trilhas para peças de teatro e para o cinema. Incentivava bastante os folguedos populares. Ouvia-o dizer, nas entrevistas: 'O povo tem sede e fome de cultura'", lembrou.

Em seu relato sobre o irmão, Paulo Santos fez questão de ressaltar a grandeza do regente. "Sempre percebi seu apreço especial pelo erudito e o popular com o mesmo entusiasmo. O erudito movimentava a formação clássica, mas não deixava de elogiar belos arranjos de Chico Buarque, como 'Construção'", pontuou.

A música era a grande inspiração da vida do maestro Pedro Santos, segundo a filha do músico, a professora Déa Limeira. "Meu pai tinha a música como grande inspiração para viver e a música estava presente em tudo que ele fazia. Em casa, tínhamos uma grande vivência musical com ele", disse.

Para ela, além das trilhas sonoras de filmes e peças teatrais, ele deixou como legado grandes regentes, maestros de música que estão na cena da cidade atualmente. Entre os que foram inspirados pelo "mestre" para o canto coral estão Luiz Carlos Otávio, Carlos Anísio, Eduardo Nóbrega. "Todos tiveram a vivência do canto coral com Pedro Santos e hoje são maestros de referência na nossa cidade", ressaltou Déa.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Pedro Santos passeava em diferentes esferas artísticas

+ No tablado e nas telas

O talento do músico Pedro Santos foi reconhecido por especialistas da música e do cinema, o que lhe rendeu algumas homenagens, duas delas em 2019. Sua memória foi festejada na 14ª edição do Fest Aruanda, em tributo capitaneado pelo Sexteto Brasil, que agradeceu também o cinema paraibano, e no Festival Internacional de Cinema e Música da UFPB, quando a reitora Margareth Diniz entregou um troféu à irmã do regente.

No cinema, Pedro Santos musicou o filme 'Menino de Engenho', primeiro longa-metragem local, baseado no romance de José Lins do Rego e dirigido por Walter Lima Júnior. Também emprestou seus acordes à produção 'Romeiros da Guia', curta-metragem de Vladimir Carvalho e João Ramiro Melo. Foi responsável ainda pela trilha sonora de outros dois longas: 'O salário da morte', dirigido pelo cineasta Linduarte Noronha, e 'A volta pela estrada da violência', sob a direção de Aécio Andrade.

"Nas peças de teatro, a exemplo de 'Coiteiros' e 'A farsa da boa preguiça', existia uma conjunção colaborativa entre três grandes mestres que foram professores dos cursos de extensão de artes da UFPB: Altimar Pimentel, que escrevia peças; Elpidio Dantas, que dirigia; e Pedro Santos, que musicava, sempre juntos", contou o atual regente da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB), Luiz Carlos Durier. Duas peças, segundo ele, foram baseadas nos folguedos: 'Viva a Nau Catarineta', em Cabedelo, e 'O Auto de Maria Mestra', relacionada com a Lapinha. Ele fazia uma orquestração e apresentava como fundo musical.

Citado no 'Le Monde'

Quem conviveu com o maestro Pedro Santos, garante que ele deixou um grande vazio e muitas memórias. "Como amigo e monitor das disciplinas dele nos cursos do Núcleo de Documentação Cinematográficas (Nudoc), só tenho boas lembranças", frisou o jornalista João de Lima Gomes, professor orientador do programa de pós-graduação de Artes Visuais da UFPB. Foi ele quem organizou a plaquete 'Pedro segundo Pedro', em 1987, e fez um roteiro de telefilme que ficou na terceira colocação na edição do último prêmio Walfredo Rodriguez, da Prefeitura de João Pessoa.

"Quando, em 9 de agosto do ano passado, subi com a família do maestro Pedro Santos para concluir a curadoria do Festival de Música, achei que consegui sintetizar bem uma dívida que os cineastas da cidade guardavam com o maestro. Procurei expor que, dos professores que recuperaram a história do cinema paraibano com mais propriedade no seio da UFPB, foi Pedro Santos que centralizou e fez funcionar uma estratégia de incluir o cinema local no contexto internacional", disse.

No início dos anos 1980, ele implementou uma investida tão singular na UFPB que a instituição praticamente se internacionalizou. "A partir da cooperação com o governo francês e da parceria com universidades da França, em 2016, foi possível equilibrar a importância da iniciativa de internacionalizar a área cinematográfica na UFPB. O maestro coordenou o Nudoc e dirigiu a cooperação Brasil/França de 1980 a 1985.

Pedro Santos foi um dos poucos brasileiros citados no jornal 'Le Monde' na época que tratavam dos rumos da cinematografia mundial de documentários brasileiros de expressão internacional. "Pessoa de grande camaradagem, a vivência com seus familiares foi marcante em certa fase da vida da minha família. Todos choramos a partida do amigo, mas naquela época ninguém tinha a exata dimensão do que um educador como ele era capaz de fazer em uma área tão carente. Logo ele que antes de falecer deixou uma pergunta no ar: "Por que me deixaram fazer tão pouco?"

Foto: Arquivo do Jornal A União



O Jornal A União noticiou a morte e sepultamento do maestro na edição de 30 de agosto de 1986

O MESTRE E SEUS DISCÍPULOS

■ Como compositor e arranjador, o maestro fez incursões pela música aleatória. Como professor, participou da formação de vários amigos que hoje regem corais ou compõem orquestras, a exemplo do regente da OSPB, Luiz Carlos Durier.

"O maestro Pedro Santos foi um grande professor de música, um gentil e excelente maestro. Colaborou muito com a música coral e também de orquestra, na Paraíba. Veio para cá como professor do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e trabalhou nos cursos de extensão. Era um professor carinhoso, dedicado e muito competente. Ensinava harmonia e regência coral e nos deu excelentes referências", ressumiu Durier.

O maestro Carlos Anísio, regente do Coro da Câmara Villa Lobos e professor do Departamento de Música da UFPB, conheceu ainda criança Pedro Santos e lembra dele como um homem modesto. "O maestro Pedro Santos era uma pessoa muito despojada e tinha vida simples. Nunca teve arroubos de ser um grande maestro erudito, aquele arquétipo do maestro. Se envolveu com coisas populares, no sentido do povo. Tinha bagagem para fazer o que quisesse. Chegou a ser regente da Orquestra Sinfônica nos anos 60. Como regente, tentava fazer a fusão entre a coisa que dava mais acessibilidade às pessoas e à coisa erudita da própria orquestra", analisou Carlos Anísio. "Eu comecei a fazer teatro substituindo-o, no teatro Ednaldo do Egypto. Ele ficou doente, acho que em 1984. Eu cantava no coral dele e fiz a direção dessa peça", lembrou.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Pixabay



A crise vem desenfreada!

Não tem sido fácil para os comerciantes e empresários do ramo de gastronomia. É um tal de estica e puxa de promoções, para chamar a atenção dos clientes e tentar ter um resultado no final do mês esperado. Mesmo os restaurantes de grandes nomes em nossa Capital têm sofrido com o reflexo da grande crise existente em nosso país perante a pandemia.

E com isso cresce o desemprego nessa área. Os novos estudantes dos cursos que estão parados de cozinha e gastronomia sem saber para onde correr, ou seja, onde vai trabalhar, e se vai encontrar emprego futuro em um mercado interrogativo e muito preocupante pelo número de estabelecimentos fechados.

Restaurantes onde antes existiam filas de espera durante a semana e nos fins de semana, hoje têm que trabalhar com um número reduzido e incerto além de horários modificados. Muitos restaurantes estão localizados nas principais avenidas da Capital, onde os custos são mais altos. Estes coitados não terão seu último suspiro no primeiro reajuste de aluguel.

Só saberemos a real situação deste novo normal em dois meses, até tudo tentar se ajustar, se vai parar por um novo surto da doença, e se isso acontecer a coisa ainda será pior.

Onde vamos parar?

Fiquei observando novas casas que foram abertas e reformadas um pouco antes da pandemia como vão fazer para tentar escapar de tantas contas a pagar. São muitas casas de pontos comerciais fechados pela crise e muitas que há meses antes da pandemia estão

sem conseguir alugar, pois já não tinham a quem alugar e com este efeito crise ficou ainda mais difícil alugar um ponto comercial.

Como foi bom acreditar há doze anos em uma política diferente, onde o reflexo hoje é de desespero desenfreado na área de hotelaria, tanto do empresariado como de trabalhador. Não temos ajuda do Governo Federal, até a presente data só promessas e o povo desesperado.

E minha classe tão triste de ver, que são as pessoas que dão seu sangue pela empresa, são o coração e estão com seus salários bases defasados há mais de 20 anos. Como toda categoria na área de hotelaria ou vive dos "10%" quando se recebe integral, pois muitos restaurantes não repassam o valor integral.

Neste momento, não sabemos o que fazer a não ser esperar, pois é tudo muito incerto e inseguro.

QUENTINHAS

- Você sabia que pode pedir e comer no calor e carinho de sua casa aquele delicioso caranguejo no coco? Pois foi o que fizemos neste domingo chuvoso que passou. Veio com bastante molho e verduras. Estava uma delícia de comer. Você pode pedir no Bessa Brasil, seu Instagram @bessabrazil_oficial contato: 99117-0810

- E aquele pão delicioso que você se sente no pedaço de lá de Paris onde só quem tem a receita de fazer é Sara Cake Artesanal. É um amor em forma de pães e doces deliciosos. Seu Instagram @sara_cak ou contato: 98893-9498

- Quer comer um lanche diferente? Vou te dar uma dica bem especial. No Sanduba do Careca você pede o Passa Filé com Bata-frita especial de queijo e bacon. Garanto que você não vai se arrepender, vai lá no Instagram deles @sandubadocareca.jpa ou contato: 99176-4626

- E se você está em dúvida no bolo do dia dos pais vou te dar uma dica super deliciosa. Você conhece a Sublime Dolci? Não? Pois corre no Instagram deles @sublimedolci ou no contato: 99801-6096 e já faz sua escolha e reserva do melhor do bolo de rolo.

PRATO DO DIA

Chambaril com risoto

Ingredientes

- 2 peças de chamberil (músculo bovino com osso)
- 2 colheres sopa de farinha de trigo
- ½ garrafa de vinho tinto seco
- ½ litro de água
- ½ litro de polpa de tomate
- 3 tomates picados
- ½ colher sopa de páprica picante
- 1 xícara de salsa picada
- 5 dentes de alho
- 1 cebola picadinha
- 3 folhas de louro
- 1 pimenta dedo de moça com sementes
- ½ colher sopa de sal

Para o risoto:

- 50 gramas de manteiga
- 2 xícaras de arroz arbóreo
- 1 cebola picada
- 1 colher de café de açafraão em pó
- 1 copo de vinho branco seco
- ½ litro de água quente aproximadamente
- Sal a gosto
- 1 colher (sopa) de manteiga
- 100 gramas de queijo parmesão

Modo de preparo

Para o chamberil: tempere a carne com sal, pimenta do reino e passe pela farinha de trigo para absorvê-la. Doure muito bem as carnes em uma panela com azeite. Coloque o alho, a cebola e refogue. Acrescente o restante dos ingredientes. Cozinhe, em uma panela de pressão, por cerca de 1 hora ou até que a carne comece a desmanchar.

Para o risoto: derreta a manteiga e refogue a cebola. Coloque o arroz, o açafraão e misture. Coloque o vinho e depois que evaporar, acrescente, cocha a cocha de água quente com as folhas de manjeriço dentro. Quando o arroz estiver macio, acrescente a manteiga e misture em velocidade para dar brilho. Coloque o queijo, misture e sirva.

PITADAS A GOSTO

O ossobuco/chambaril é um corte acima da canela e abaixo do joelho do boi, não vejo diferença entre ambos. Carne típica de iguaria em Milão (Itália), feita em restaurantes tradicionais, em fogões a lenha; fogo bem baixo por, aproximadamente, 3 horas; panelas especiais para cozimento; e vinho tinto. De preferência deixar marinando no mínimo de um dia para o outro para pegar um sabor melhor na carne e osso, que é todo detalhe do prato. O nome varia de local. Essa excelente carne não é tão valorizada no Brasil. Na Europa, a iguaria de um prato custa no mínimo 60 euros, fora gorjeta e impostos.

